



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - (UERN)
CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS - (CAPF)
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS - (DLE)
CURSO DE LETRAS LÍNGUA INGLESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

JESSYCA LETÍCIA DE OLIVEIRA

**VOZES DO DISCURSO E ENGAJAMENTO NOS TEXTOS DE MONOGRAFIAS: UM
ESTUDO COM BASE NA LINGUÍSTICA SISTÊMICO FUNCIONAL**

PAU DOS FERROS - RN

2023

JESSYCA LETÍCIA DE OLIVEIRA

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Inglesa e Respectivas Literaturas.

ORIENTADOR: Prof. Me. Francisco Roberto da Silva Santos

PAU DOS FERROS

2023

Ficha catalográfica

JESSYCA LETÍCIA DE OLIVEIRA

TERMO DE APROVAÇÃO

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Inglesa e Respectivas Literaturas.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Roberto da Silva Santos (Orientador)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof^a. Dra. Maria Eliete de Queiroz
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof. Dra. Jaiara Limeira de Aquino
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Dedico esta monografia à espiritualidade que me cerca e me guia na busca dos meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos meus colegas e amigos da faculdade por estarem presentes comigo e vivenciado toda trajetória da graduação. Especialmente à Amanda, Sofia, Wanessa, Luís, Claudio, Douglas e Eunathan.

Agradeço também a contribuição do meu Orientador Francisco Roberto da Silva Santos e pela disponibilidade da banca examinadora.

Também gostaria de agradecer aos professores Marcos Luz, Marcos Nonato, e Evaldo Godinho por todo apoio ao longo dessa trajetória.

Agradeço também ao meu moto-táxi Bruno por todas as corridas ao longo desses anos para a faculdade.

RESUMO

Quando citamos um autor dentro dos nossos textos, mostramos que nos empenhamos para realizar o trabalho de pesquisa, que temos um grande repertório de leituras acerca do assunto, com isso projetamos uma certa autoridade para os nossos discursos. O foco deste trabalho é explorar o sistema de Engajamento nos textos acadêmicos de monografia, analisando como os autores dialogam com outras vozes discursivas para articular os textos, permitindo observar como os recursos léxico-gramaticais mostram o posicionamento do autor em relação ao que está sendo dito. Para o aporte teórico, os principais autores que vamos utilizar para falar sobre Linguística Sistêmico-funcional é Fuzer e Cabral (2014), Thompson (1996) e Halliday e Matthiessen (2014), para falarmos de engajamento nos apoiamos nos autores Martin e White (2005) e Vian Jr, Souza e Almeida (2011). O *corpus* se constitui de vinte monografias produzidas por alunos da graduação em Letras-Ingês no ano de 2021 pelo Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), disponibilizadas no site do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE). Diante das análises feitas percebemos como os recursos dialógicos nos ajudam a perceber o dialogismo nas vozes presentes dentro do texto, para a construção da argumentação discursiva. observar direcionamentos que essas vozes têm. Visando dentro do nosso texto: quem são, de onde vem, a quem é direcionada e a forma como são avaliadas.

Palavras-chave: Engajamento, Expansão Dialógica, Contração dialógica, Posicionamento discursivo.

ABSTRACT

When we quote an author within our texts, we show that we are committed to carrying out the research work, that we have a large repertoire of readings on the subject, with that we project a certain authority into our speeches. The focus of this work is to explore the Engagement system in academic monograph texts, analyzing how the authors dialogue with other discursive voices to articulate with the texts, allowing to observe how the lexical-grammatical resources show the author's position in relation to what is being said. For the theoretical support, the main authors that we will use to talk about Systemic-Functional Linguistics are Fuzer and Cabral (2014), Thompson (1996) and Halliday and Matthiessen, to talk about engagement we support the authors Martin and White (2005) and Vian Jr, Souza and Almeida (2011). The corpus consists of twenty monographs produced by undergraduate students in Literature-English in the year 2021 by the Pau dos Ferros Advanced Campus (CAPF) of the State University of Rio Grande do Norte (UERN) available on the website at the Department of Foreign Languages (DLE). The analyzes consist of observing the engagement strategies carried out through verbal processes in the corpus. In view of the analysis carried out, we realized how the dialogic resources help us to perceive the dialogism in the voices present within the text, for the construction of the discursive argumentation. From a point of view where we could observe the directions that these voices have within our text: who they are, where they come from, who they are directed to and the way they are evaluated.

Keywords: Engagement, Dialogical Expansion, Dialogical Contraction, Discursive Positioning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Variáveis do contexto de situação	17
Figura 2 – O sistema de estratos da linguagem	19
Figura 3 – funções da fala por Fuzer e Cabral	20
Figura 4 – Tipos de modalidade	24
Figura 5 – Estratos da metafunção Ideacional	25
Figura 6 – Sistema de transitividade	26
Figura 7 – Estratos da linguagem	28
Figura 8 – Sistema de engajamento	33
Figura 9 – Imagem do Antconc	38
Figura 10 – Imagem do Antconc	39
Figura 11 – Imagem do Antconc	39

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

LSF - Linguística Sistêmico-Funcional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CAPÍTULO TEÓRICO	15
2.1. Conceituando a teoria Linguística Sistêmico funcional	15
2.2. As metafunções da linguagem	17
2.2.1 A metafunção Interpessoal	18
2.2.1.1 MODO	21
2.2.1.2 Os componentes das orações interpessoais	22
2.2.1.3 Polaridade e modalidade	23
2.3 Metafunção Ideacional	24
2.4. Avaliatividade, graduação e engajamento	27
2.4.1. Avaliatividade	27
2.4.2. Graduação	29
2.4.3. Engajamento	30
2.4.3.1 Espaço Heteroglóssico	31
3 ASPECTOS METODOLÓGICO	36
4 ANÁLISE DO OBJETO	41
4.1. Uso do processo verbal “falar” em textos de monografia	41
4.2. Uso do processo verbal “Afirmar” em textos de monografia	45
4.3. Uso do processo verbal “Apontar” em textos de monografia	49
4.4. Uso do processo verbal “Dizer” em textos de monografia	53
5 CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE A - Amostras do processo verbal “Falar”	60
APÊNDICE B - Amostras do processo verbal “Afirmar”	63
APÊNDICE C - Amostras do processo verbal “Apontar”	66
APÊNDICE D - Amostras do processo verbal “Dizer”	68

1 INTRODUÇÃO

A linguagem proporciona uma troca entre as pessoas, ao usá-la estamos projetando nossas intenções, fazemos trocas com o outro e interagindo. A gramática é um dos meios semióticos em que a linguagem se materializa, pois nos permite observar as maneiras como organizamos as palavras dentro de um texto de modo que possa fazer sentido e assim desempenhar nosso papel dentro de um contexto social. Em outras palavras, as nossas escolhas léxico textuais estão condicionadas ao contexto. A teoria da Linguística Sistêmico Funcional (LSF), de Michael Alexander Kirkwood Halliday, é uma vertente que estuda a língua em uma perspectiva funcional na qual são utilizados sistemas para verificar como a configuração da língua pode nos ajudar a alcançar determinada finalidade comunicativa.

Dentro da LSF são estudadas as variáveis presentes dentro de um processo imediato de comunicação que são divididas em três *metafunções*: Ideacional, Interpessoal e Textual, o foco deste trabalho se delimita à metafunção Interpessoal, pois esta analisa a linguagem como instrumento para executar os papéis sociais dentro de um contexto de situação, ela exprime a intersubjetividade de quem participa denotando seu posicionamento e como esses posicionamentos estão sendo negociados nesse processo.

Dentro da metafunção interpessoal, podemos encontrar o sistema de *Avaliatividade* que observa nosso posicionamento dialógico em relação a outras vozes textuais que evocamos no nosso texto, o sistema de Graduação como modelamos nosso posicionamento dialógico em relação a essas vozes (por exemplo, se somos a favor, contra ou neutros), o sistema de Engajamento, que é onde será focalizado nosso trabalho, que trabalha as articulações desses posicionamento, pois ao trabalharmos esse dialogismo entre posicionamentos das vozes presentes no texto podemos descrever como acontecer a adesão ou não de quem escreve/fala em relação às proposições no texto, pois é analisado o modo como o enunciador lida com posições divergentes da sua, a partir daqui será trabalhado a *Heteroglossia* dentro dos textos

acadêmicos, que diz respeito à expansão dialógica (quando estamos aderindo outras discursos, outras vozes) e a contração dialógica (que é quando não aceitamos, rejeitamos, excluimos ou tentamos refutar um posicionamento alternativo). É muito pertinente a proposta dessa pesquisa pois nos trabalhos acadêmicos frequentemente trazemos vozes discursivas para os nossos textos a fim de endossar nossos argumentos, fundamentá-los teoricamente.

Essa temática foi escolhida delimitando a pesquisa nos textos de monografias, em sua integralidade, por se tratar de um requisito para se alcançar um grau acadêmico, por isso exigem rigor avaliativo sendo necessário dedicação e seriedade por parte de quem realiza as etapas desse trabalho e também por ser um gênero o qual esta pesquisa será submetida. Outra razão pela qual escolhemos a abordagem de engajamento é o fato de existirem pesquisas na área de Linguística Sistêmico Funcional, mais precisamente com a metafunção interpessoal, mas sem o enfoque do sistema de Engajamento, como por exemplo Monografia apresentada ao curso de Letras com habilitação em Língua Inglesa, do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) feita por Thiago Câmara de Araújo no ano de 2020. As problemáticas que levaram a escolha da temática, estão relacionadas com a busca das estratégias utilizadas nos textos acadêmicos de monografia para articular as vozes dentro do texto propiciando a adesão ou não de quem escreve/fala em relação às proposições no texto. Outra motivação está relacionada com a frequência em que os processos verbais escolhidos aparecem para nortear a pesquisa são apresentados no texto para apresentar outras vozes ao discurso bem como a finalidade das estratégias de engajamento na construção dos textos de monografias, visto que os pesquisadores trazem citações de outros autores conhecidos na áreas de estudo.

Dito isso, as problemáticas que motivam a produção dessa pesquisa envolvem: (i) Qual a frequência dos processos verbais nos textos de monografia? (ii) Como são realizadas as estratégias de engajamento? (iii) Como os alunos de graduação se utilizam desses recursos dialógicos nos textos de monografia? Para conseguirmos responder a esses questionamentos estabelecemos o objetivo geral da pesquisa que é: analisar as estratégias de engajamento realizadas por processos verbais em

monografias de graduandos em Letras-Língua Inglesa. Para alcançar esses objetivos foram delimitados três objetivos específicos que consistem em: (i) Identificar os processos verbais utilizados no corpus selecionado; (ii) Interpretar as estratégias de engajamento realizadas por esses processos; (iii) Analisar o uso dessas estratégias de engajamento na construção da argumentação dos graduandos.

Essa pesquisa trouxe como base a metafunção Interpessoal, dentro da perspectiva de engajamento. Acredito que essa nova abordagem de pesquisa pode servir como uma fonte de pesquisa para pessoas que tenham interesse em realizar pesquisas nesse mesmo ponto de vista. Esta é uma área de estudos na qual nós nunca tivemos contato prévio, então desenvolver essa pesquisa está sendo um trabalho árduo por se tratar de um campo de estudo muito denso, mas depois de várias tentativas conseguimos encontrar, dentro das vastas possibilidades dessa teoria, uma temática muito relevante para pesquisas acadêmicas.

Utilizamos a metodologia descritiva, uma vez que catalogamos e analisamos alguns processos verbais utilizados pelos autores das monografias, mostrando como esses se colocam no texto. Nossa pesquisa também é qualitativa e quantitativa por haver a necessidade mensurar e interpretar as ocorrências dos processos verbais ao longo dos textos.

Nosso trabalho está organizado em 5 capítulos incluindo esta introdução em que apresentamos os objetivos, justificativas e problemáticas que nos motivaram a escolher essa temática, nossa base teórica e nossa metodologia. No segundo capítulo, apresentamos nossa base teórica que está dividida em sub tópicos para uma melhor compreensão, nela fazemos uma conceituação a respeito da LSF até chegar na parte mais específica que se refere a avaliação, graduação e engajamento. No terceiro capítulo falamos sobre nossa metodologia, procedimentos de análise e do que trata o *corpus*. No quarto capítulo, que diz respeito às análises, utilizamos os recursos discursivos para analisar o grau de abertura no espaço dialógico e o posicionamento discursivo das vozes do discurso nas amostras colhidas do *corpus*. e no quinto capítulo que é o da conclusão trazemos os resultados das análises. Por último compilamos os autores utilizados para a realização desse trabalho e transamos os apêndices contendo todas as amostras trazidas de forma ampliada.

2 CAPÍTULO TEÓRICO

Esse capítulo destina-se a apresentar de forma conceitual a teoria Linguística Sistêmico-Funcional LSF a qual esta monografia se apoia, nesse capítulo serão abordadas as noções fundamentais para se entender as proposições dessa vertente, destacando as categorias de metafunções com ênfase na metafunção interpessoal e no sistema de engajamento, que será objeto de estudo nos próximos capítulos.

2.1. Conceituando a teoria Linguística Sistêmico funcional

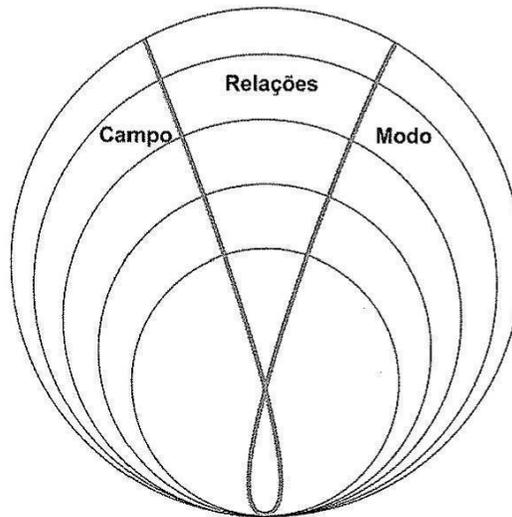
A língua é a principal maneira de comunicação entre seres humanos, ela está intrinsecamente ligada ao contexto cultural diante disto, a Linguística Sistêmico Funcional estuda a língua visando descrever e analisar a língua em situações reais de usos e entender como acontecem esses processos comunicativos. O principal expoente dessa teoria foi Michael Alexander Kirkwood Halliday e conforme os estudos dele foi se difundindo pelo mundo outros linguistas adotaram essa linha de estudo, no Brasil os nomes mais conhecidos dessa vertente são Cristiane Fuzer e Sara Regina Scotta Cabral. Na obra *An Introduction to Functional Grammar* (1985), revisada em 1994 e revista e ampliada em 2004, com a participação do linguista Christian M. I. M. Matthiessen, vemos as grandes contribuições de Halliday para a descrição funcional da gramática da língua inglesa e para a fundação do paradigma da LSF. Nesse livro Halliday aponta como o contexto e a cultura de uma sociedade pode definir o modo como os falantes da língua escolhem usar ou não determinadas palavras, por que escolheram essas e não outras e etc.

A LSF diverge da visão formalista da língua, pois essa está restrita à forma e compreende uma análise descritiva do código linguístico, não sendo suficiente para um estudo detalhado de um sistema linguístico, pois a língua não se resume à gramática; todos os fatores extratextuais são importantes, visto que a língua carrega a cultura, os valores e as ideologias da sociedade e especificamente de seus interlocutores. “Um estudo limitado à compreensão dos sentidos a partir tão somente da forma linguística

não é capaz de dar conta de explicar os fenômenos sintáticos, semânticos, morfológicos, fonológicos, discursivos, pragmáticos, etc.” (SILVA, 2019), dessa forma, a linguagem está condicionada ao contexto já que todos esses fatores permeiam as interações entre os falantes da língua. A LSF“ vê a língua como redes de sistemas linguísticos interligados, dos quais nos servimos para construir significados” (SOUZA, 2020). Esses sistemas abrangem uma gama de alternativas que podemos utilizar em uma situação comunicativa que pode ser tanto fonológico como léxico-gramatical ou semanticamente. Portanto, o propósito de uma análise sistêmico-funcional é explicar a construção de sentidos em um texto a partir de sua estrutura linguística, além de considerar o contexto, os interlocutores, a função social do locutor naquele contexto, quais suas intenções e por que ele escolheu determinados recursos linguísticos.

De acordo com Fuzer e Cabral (2014), Halliday define que o significado de um texto está definido dentro de dois contextos, *o contexto de situação e o contexto de cultura*. O contexto de situação se refere ao processo imediato de comunicação onde estamos utilizando o texto, por exemplo, quando estamos em uma universidade conversando com nossos colegas e professores, ou em casa com os nossos familiares e etc. Já o contexto de cultura abrange a cultura, a história, os costumes e valores de uma sociedade. Então, para entendermos o que determinado texto quer dizer precisamos compreender o contexto que o cerca, como a língua não é um sistema arbitrário ela evolui e se molda para satisfazer as necessidades dos falantes de acordo com a realidade cultural dos falantes. De acordo com Fuzer e Cabral (2014), o contexto de cultura é apresentado como algo mais estável, pois as crenças e valores de uma sociedade, com isso a noção de gêneros é uma forma de abranger as trocas sociais comuns dentro de um macrocontexto, já que os gêneros estão intrinsecamente ligados à cultura em que foram criados.. Já o contexto de situação é referente à ação imediata e, portanto, ela apresenta variáveis que são descritas por Halliday (1989) através de um modelo conceitual, conforme a Figura 1:

Figura 1 - Variáveis do contexto de situação



Fonte: Fuzer e Cabral (2014, p. 29)

De acordo com Fuzer e Cabral (2014), o *campo* está relacionado aos interesses do falante em uma ação comunicativa, representa a atividade, as intenções, os objetivos e a finalidade. Já as *relações* se referem aos papéis exercidos pelos interlocutores, ou seja, o quão próximo um é do outro, quanto um conhece a respeito do outro, se são hierarquicamente diferentes ou e ainda se pertencem a classes sociais iguais, e representa o lugar de fala dos interactantes. E, por último, o *modo* diz respeito a como essa interação está sendo construída, como a linguagem se manifesta, sua função nesse contexto, o canal pelo qual os interlocutores vão buscar alcançar seus objetivos e como isso se dará, pois a linguagem pode se manifestar através de muitos meios como fala, escrita, com o apoio de gestos, imagens, presencialmente, virtualmente etc. Em uma interação essas variáveis acontecem de forma simultânea, mas elas podem ser analisadas separadamente, para a LSF.

2.2. As metafunções da linguagem

As variáveis de contexto de situação (campo, relações e modo) se relacionam com as metafunções da linguagem: *ideacional*, *interpessoal* e *textual* (respectivamente). Segundo Fuzer e Cabral (2014) e Gouveia (2009) as metafunções são manifestações

dos propósitos de uso da língua, de modo que a metafunção ideacional busca compreender o meio, ou seja ela procura representar nossa realidade de forma concreta ou mental, significando nossas experiências em uma situação comunicativa; a metafunção interpessoal está relacionada com os interlocutores, como nós interagimos uns com os outros e como vamos estabelecer essa relação; e, por fim, a metafunção textual que se relaciona com a organização textual, é através dela que as outras duas metafunções se manifestam, pois ela é responsável por codificar e organizar de forma coerente a fim de que possa estabelecer uma relação de sentido. As metafunções acontecem simultaneamente em uma situação comunicativa, elas se relacionam entre si gerando experiências exteriores e interiores, trocas e demandas, podendo ser analisadas separadamente. Nosso estudo focaliza a metafunção interpessoal e, portanto, ela está detalhada na próxima seção.

2.2.1 - A metafunção Interpessoal

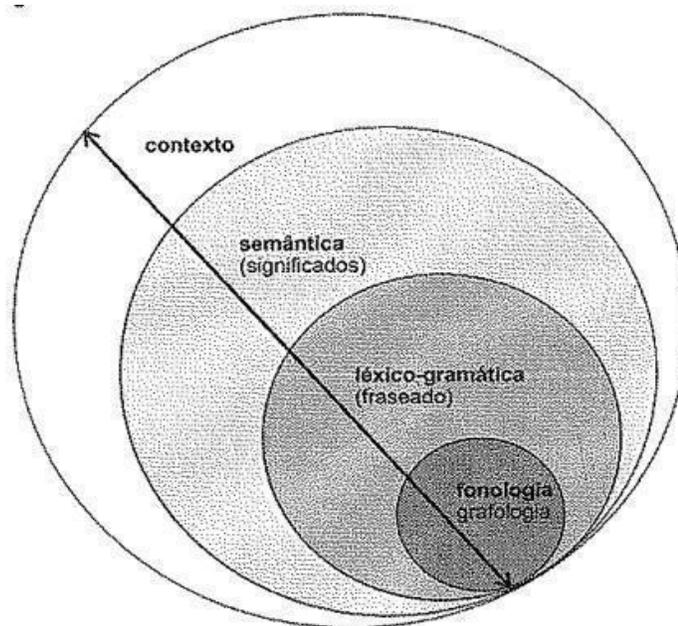
Em uma situação comunicativa assumimos um papel social dentro de um determinado contexto, somos alunos, pais, amigos, empregados, buscando sempre adequar nossos discursos em cada uma dessas situações; um filho não falaria com os pais como falar com os amigos por exemplo. Também participamos de processos sociais onde demandamos e suprimos expectativas do outro, opinamos, questionamos e assim construímos sentido. Ou seja, nossas escolhas linguísticas estão condicionadas para quem falamos, como falamos e onde falamos. Através da interação, podemos estabelecer e desenvolver papéis sociais e identidade, bem como participar de grande variedade de processos sociais (DROGA e HUMPHREY *apud* FUZER e CABRAL, 2014, p 104). Se tentarmos ver a linguagem sem essa perspectiva de trocas estamos distorcendo a funcionalidade da língua, pois segundo Thompson (1996, p 45) a comunicação é inerentemente bidirecional. Quando o foco da análise são as pessoas que interagem, concluímos que estamos nos referindo a metafunção interpessoal e as variáveis utilizadas para esse tipo de análise partem do contexto das relações. As manifestações gramaticais desses meio interpessoal é o MODO , onde as orações são analisadas de acordo com os meios orais de interação que Fuzer e Cabral (2014, p.

104) denominam “dar e solicitar”, ou seja, em uma situação comunicativa, além de querermos enunciar nossas ideias, queremos também que o outro se posicione e avalie elas. De acordo com (ALMEIDA; SOUZA; JR, 2010, p. 22):

Na teoria sistêmico-funcional, a linguagem é concebida com um sistema semiótico em três estratos: um de significados, um de fraseados e outro de letras/sons. [...] Temos em um primeiro plano, o estrato grafo-fonológico (letras/sons). Em um segundo plano, temos o nível da oração, que é realizada pela léxico-gramática (fraseados) e, por fim, em um terceiro nível, o semântico-discursivo (significados), localizado em um nível de abstração que está além da oração.

Na imagem abaixo mostra o sistema de estratos da linguagem:

Figura 2: O sistema de estratos da linguagem



Fonte: Fuzer e Cabral (2014, p. 29)

Halliday (2014) afirma que utilizamos a linguagem para dar sentido às nossas experiências e realizar interações com outras pessoas, para isso a gramática precisa interagir não só com o texto, mas com o que acontece fora do texto, em outras palavras texto e contexto estão vinculados. No que diz respeito a Contexto, que falaremos com mais detalhes posteriormente, O estrato da semântica diz respeito às relações

interpessoais e dos significados construídos a partir dessas relações, o estrato léxico-gramatical fala sobre transformar esses significados em palavras e o estrato fonológico/grafológico diz respeito à organização dos sons e da fala para transmitir as palavras.

FUZER e CABRAL (2014, p.104-105) diz que nessa interação alguns valores são trocados: informações ou bens e serviços. O objeto da troca (a commodity) é a própria linguagem é onde demandamos que o interlocutor desempenhe seu papel, avaliando, concordando ou discordamos do que estamos enunciando, ou seja ele poderia reagir de alguma forma ao que dissemos ou responder uma pergunta por exemplo. Já a troca de bens e serviços é quando usamos a linguagem para influenciar o comportamento do interlocutor, ou seja, aqui esperamos que o outro faça o que é imperativo. diferente das informações esperasse que o interlocutor siga instruções, faça o que queremos sem se opor ou questionar, Isso depende do interlocutor, ele tem essas duas opções: cumprir ou negar-se a cumprir. Abaixo apresentamos a Figura 3, que ilustra as funções de fala.

Figura 3- funções da fala por Fuzer e Cabral

Quadro 20: FUNÇÕES DA FALA

Papel na troca	Valor trocado	
	INFORMAÇÕES	BENS E SERVIÇOS
Dar	<i>Declaração</i> Ele serviu-me um café.	<i>Oferta</i> Você quer um café?
SOLICITAR	<i>Pergunta</i> O que ele lhe serviu?	<i>Comando</i> Sirva-me um café.
	PROPOSIÇÃO	PROPOSTA

Adaptado de Halliday e Matthiessen 2004, p. 107.

Fonte: Fuzer e Cabral (2014, p. 105)

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014) na troca de informações as orações desempenham um papel semântico de proposição pois abrem espaço para argumentação, em que podemos questionar a veracidade do conteúdo linguístico, bem

como concordar ou discordar das informações apresentadas. Já na troca de bens e serviços as funções semânticas são chamadas de proposta porque o interlocutor pode simplesmente aceitar ou não o que está sendo demandado dele, mas não pode questionar a verdade ou a validade do conteúdo linguístico que recebeu. São nesses tipos de funções que podemos perceber as relações interpessoais entre o locutor e interlocutor, que está envolvido em determinado contexto de relação, pois, segundo Ghio e Fernández (2008, p. 92) isso implica a atitude do falante em relação ao que diz, como ele representa a si mesmo e sua audiência e como se posiciona[...]”¹, ou seja, o posicionamento do interlocutor é algo que denota seu papel como falante durante essas trocas. Segundo Halliday (1989), esses papéis são determinados por circunstâncias particulares do falante, que abrange o contexto social, econômico, afetivo, profissional e etc., e essa bagagem determina de forma subjetiva o julgamento, a forma como esse falante irá verbalizar suas atitudes. Esse conjunto de fatores constrói o significado interpessoal.

2.2.1.1 MODO

Para que um significado interpessoal seja construído dentro de um contexto de relação O sistema de MODO realiza na gramática da língua a troca interpessoal. Ele reflete e constrói as trocas que ocorrem no contexto comunicativo. “O diálogo é construído através de sucessivos movimentos de mudança de papéis entre os participantes na troca e negociação de proposições (informação) e propostas (bens e serviços) oferecidas, aceitas, rejeitadas.” (GHIO; FERNÁNDEZ, 2008, p. 123).² Ou seja, a forma como um falante seleciona os recursos léxico-gramaticais dentro do sistema gramatical molda seu discurso para se adequar ao ouvinte e ao contexto em que está ocorrendo essas trocas. Em outras palavras, o sistema de modo oferece alternativa de usos de orações diante de uma interação que vão de acordo com os papéis que estão sendo desempenhados e as negociações que estão ocorrendo.

¹ Esto implica la actitud del hablante hacia lo que disse, cómo se representa a sí mismo y a su audiencia y cómo se posiciona [...].

² “El diálogo se construye mediante sucesivos movimientos de cambio de roles entre los participantes en el intercambio y la negociación de proposiciones (información) y propuestas (bienes y servicios) que se ofrecen, se aceptan, se rechazan.” (GHIO; FERNÁNDEZ, 2008, p. 123).

Três dessas funções básicas estão intimamente associadas a estruturas: as declarações são mais naturalmente expressas por cláusulas declarativas; perguntas por orações interrogativas; e comandos por cláusulas imperativas³ (THOMPSON, 1996, p. 61)

Para entender como isso é concretizado de forma verbal, mostramos exemplos de modos oracionais interrogativos, declarativos e imperativos todos de acordo com Fuzer e Cabral (2014). O modo interrogativo se caracteriza por perguntas do tipo QU ou questões que podem ser respondidas com sim ou não: i) Quem pegou meu colar de pérolas? ii) Quando vamos sair para jantar? lii) Que tipo de pessoa você acha que eu sou?

Já o modo declarativo é definido pelo uso de orações exclamativas, ou não, afirmativas ou não, bem como orações declarativas: a) A constituição federal do Brasil define que possui nacionalidade brasileira aquele que nasceu em país estrangeiro residente no Brasil e opte pela nacionalidade Brasileira. b) O céu é azul. c) E, por fim, o modo imperativo é expressado por verbos conjugados no imperativo, se concretizando na expressão de ordens e comandos. d) Jogue lixo no lixo. e) Me espere sentado. f) Vá ver se eu estou lá na esquina.

2.2.1.2 Os componentes das orações interpessoais

Dentro dos componentes básicos das orações, o MODO possui chamados de Modo⁴ e Resíduo. Dentro da estrutura do Modo temos o Sujeito e o Finito; O sujeito diz respeito aos pronomes pessoais e demonstrativos. O Finito é compreendido como “um operador verbal que expressa o tempo (é, foi, será; estava, estaria), o modo (indicativo, subjuntivo, imperativo) ou a modalidade (por exemplo, os auxiliares modais querer, poder, dever)” (SILVA 2019). O segundo elemento que é componente básico de orações interpessoais é o Resíduo, que é tudo o que sobra em uma oração quando se acha o

³ Three of these basic functions are closely associated with particular grammatical structures: statements are most naturally expressed by declarative clauses; questions by interrogative clauses; and commands by imperative clauses. (THOMPSON, 1996, p. 61)

⁴ Segundo FUZER e CABRAL 2014, esse Modo (com letra inicial maiúscula) se refere a um componente da estrutura interpessoal da oração, e se diferencia do sistema interpessoal primário MODO (escrito inteiramente com letras capitulares).

Sujeito e o Finito. O Resíduo é composto pelo Predicador, Complemento e Adjunto. Muitas vezes esses elementos não aparecem nas orações, pois são adicionais para os componentes de Modo, mas quando aparecem apresentam-se sempre nessa ordem (predicador, complemento e adjunto).

O predicador está presente em todas as orações (desde de que não haja elipse) e é realizado por um grupo verbal sem o operador modal ou temporal (que funcionam como finito no modo); o complemento é realizado por um grupo nominal ou de adjetivos e que “tem a possibilidade de ser sujeito, mas não é” (idem, p. 129 apud SILVA 2019).

Em outras palavras, o Predicador é o restante dos componentes do grupo verbal retirando o Finito. O complemento é composto pelos grupos nominais que poderiam ser um sujeito, mas não são. O Adjunto é formado tipicamente por um grupo adverbial ou frase preposicional, geralmente indicando tipos de circunstâncias. De acordo com Thompson (1996), existem três tipos Adjunto: adjunto circunstancial, que identifica experiências circunstanciais; adjunto conjuntivo, que tem a função de sinalizar como a oração como um todo se encaixa com o texto anterior; e adjunto de comentário, que geralmente comenta a oração como um todo, em vez de fornecer informações circunstanciais sobre o evento, e eles são frequentemente separados do resto da oração por vírgulas.

2.2.1.3 Polaridade e modalidade

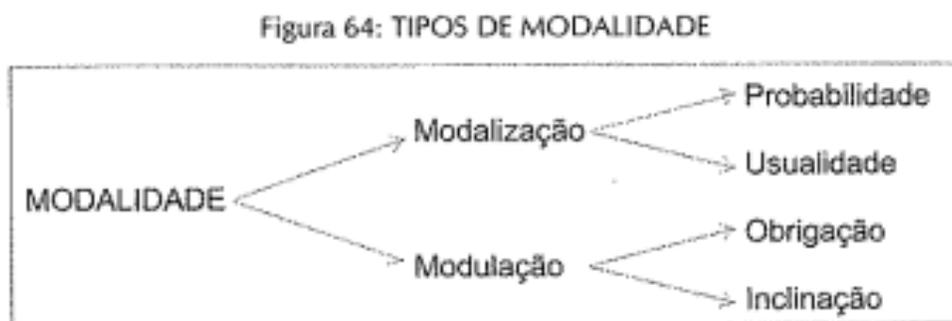
(THOMPSON, 1996, p. 68) “O Finito se expressa não apenas por sentenças, mas também pela polaridade e modalidade. Qualquer finito é inerentemente positivo ou negativo em polaridade”.⁵ Na língua portuguesa, a polaridade é expressada através de sentenças afirmativas (é, está, tem...) ou negativas (não é, não está, não tem) ou também é expressado por um adjunto de modal como (sim, claro que não, nunca). Aqui podem ser expressadas reações e opiniões da fala que permeiam essas polaridades de forma gradual, pode ser modalizada tanto de um grau menos positivo até um grau menos negativo. Halliday e Matthiessen (2014):

⁵ (THOMPSON, 1996, p. 68) “The Finite expresses not only tenses but also polarity and modality. Any Finite is inherently positive or negative in polarity.”

afirmam que modalidade significa provável ou improvável, caso seja uma proposição, desejável ou indesejável, caso seja uma proposta de julgamento em diferentes graus, logo nos posicionamos de forma explícita ou de forma camuflada.

Ou seja, quando precisamos assumir um posicionamento sobre determinada situação, mobilizamos nossa fala para expressarmos nossa aceitação ou não de uma proposta ou proposição. Dentro das modalidades, temos as modalizações que se expressam quando acontece uma troca de informação (proposições), e são expressas em graus de probabilidade e utilidade. Já as modulações ocorrem quando acontece uma troca de bens e serviços(propostas), sendo que na troca de bens temos os graus de inclinação e na troca de serviços temos os graus de obrigação.

Figura 4- Tipos de modalidade



Fonte: Fuzer e Cabral (2014, p. 114)

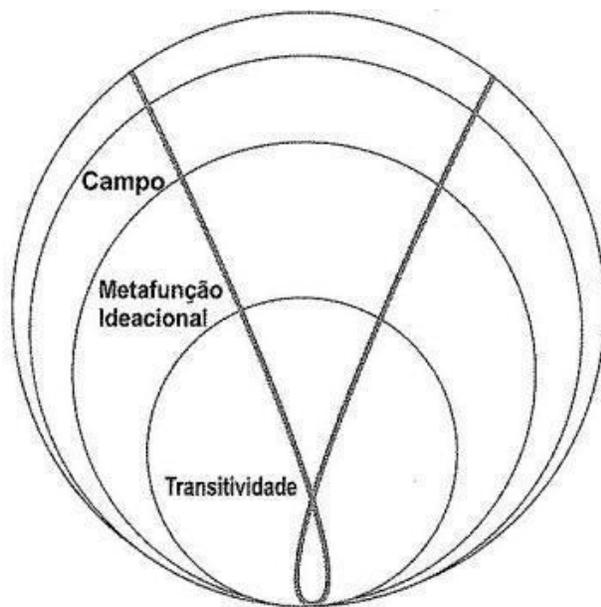
2.3 Metafunção Ideacional

Utilizamos função Ideacional quando estamos interagindo com o mundo material ou através da nossa consciência, cada interação é experienciada de formas diferentes FUZER e CABRAL 2014 afirma que a forma propícia da experiência exteriores corresponde à ações ou eventos e atores que fazem ou levam-nas a acontecer já as experiências são lembranças e experiências que acontecem a nível da

consciência, ou seja existe uma relação entre as experiências que acontecem no mundo material e no mundo interior do ser humano.

Na LSF a Linguagem a função ideacional é dividido em estratos que abrangem o campo, que seriam os significados construídos a partir das experiências e nosso contato com o mundo material; a manifestação desses significados que acontece através do sistema de transitividade e a metafunção ideacional que diz respeito ao processo de representação dessas experiências, a Figura 5 está representando esses estratos apresentados:

Figura 5 - Estratos da metafunção Ideacional



Fonte: fuzer e Cabral (2014, p. 40)

Dentro do sistema de Transitividade são estabelecidas relações entre processo e participante e as circunstâncias associadas aos processos, em outras palavras os participantes diz respeito aos sujeitos (pessoas, coisas, animais...) que fazem as coisas acontecerem ou são afetadas pelos acontecimentos, os processos são os acontecimentos, às experiências, e etc; já as circunstâncias é a situação que abrange os processos e os participantes (o modo como ocorreu, o lugar em que ocorreu, o

tempo, às razões...). A Figura 6 ilustra como esses fenômenos são construídos linguisticamente:

Figura 6 - Sistema de transitividade

Componentes	Definição	Categoria gramatical típica	Exemplo
<i>Processo</i>	É o elemento central da configuração, indicando a experiência se desdobrando através do tempo.	Grupos verbais	A mãe mata o recém-nascido, durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal.
<i>Participantes</i>	São as entidades envolvidas – pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados –, as quais levam à ocorrência do processo ou são afetadas por ele.	Grupos nominais	A mãe mata o recém-nascido, durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal.
<i>Circunstância</i>	Indica, opcionalmente, o modo, o tempo, o lugar, a causa, o âmbito em que o processo se desdobra.	Grupos adverbiais	A mãe mata o recém-nascido, durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal.

Fonte: Fuzer e Cabral (2014, p. 41)

De acordo com Fuzer e Cabral 2014 existem três tipos de processos pelos quais o ser humano representa suas experiências: materiais (ligados às experiências externas), mentais (se relaciona com experiências dentro da consciência humana) e relacionais (estão ligadas às relações, como estamos e como parecemos estar) . Existem também os secundários que são: existencial (onde diz respeito a existência de um participante situado nos processos material e relacional), comportamental (que diz respeito às atividades dos participantes) e o processo verbal que apresentaremos de forma mais detalhada abaixo.

O processo verbal são os processos linguístico dos participantes e se relacionam com os processos mental e relacional, pois vários aspectos mentais e relacionais podem ser representados por um verbo, por exemplo: “*Eu gritei com minha amiga*” é uma representação linguística da forma que o dizente se expressou, com uma entonação alta da voz, linguisticamente se manifesta em “*dizer, falar, afirmar, etc*”. De acordo com THOMPSON, 1996, O participante que está envolvido com processo verbal é chamado de “*Dizente*”, aquele que vai transferir a mensagem através dos seus

dizeres que não necessariamente precisa estar explícito, o “Receptor” é o participante que vai receber a mensagem, que geralmente se apresenta de forma oblíqua. Também temos o “Alvo”, que também recebe a mensagem, mas não precisa ser necessariamente um humano, e temos também a “*verbiagem, matéria*” que são a mensagem transmitida, mas no nosso trabalho decidimos adotar “*conteúdo do dizer*” que vai abranger as denominações que diz respeito a mensagem dentro do processo verbal.

2.4. Avaliatividade, graduação e engajamento

2.4.1. Avaliatividade

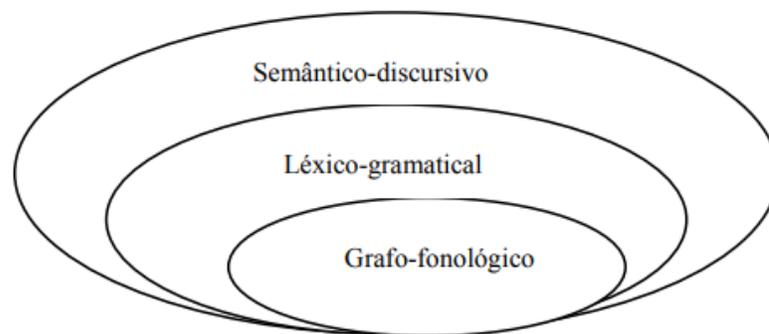
A avaliatividade é uma subárea de estudos da Linguística sistêmico funcional situada dentro da metafunção interpessoal, localizada no semântico discursivo através do nível léxico-gramatical se manifestando no plano grafo- fonológico. De acordo com BARBARA e NININ (2013) Atitude, Engajamento e Graduação estão dentro dessa subárea e possibilitam ao falante/escritor expressar afeto, julgamento, apreciação, aumentar ou diminuir o grau de avaliatividade e, ainda, expressar posicionamentos e opiniões. O afeto está diretamente relacionado à polarização de nossos sentimentos em relação a alguma coisa, se gostamos ou não gostamos de algo. O Julgamento está ligado à forma como agimos em relação aquilo que gostamos ou odiamos. De acordo com (MARTIN; WHITE, 2005, pág.56) a Apreciação envolve avaliações de fenômenos semióticos e naturais, de acordo com as formas como eles são valorizados ou não em um determinado campo.⁶ Esses três campos, Afeto, Julgamento e Apreciação, citados anteriormente, estão categorizados na subárea Atitude, (MARTIN; WHITE, 2005, p. 45), sendo que o Julgamento refere-se ao universo das propostas sobre o comportamento e a Apreciação ao universo das proposições sobre o valor das coisas. O Afeto, dessa forma, é o centro das atitudes que expressamos. De acordo com (ALMEIDA; SOUZA; JR, 2010, p. 22):

⁶ Appreciation involves evaluations of semiotic and natural phenomena, according to the ways in which they are valued or not in a given field

Na teoria sistêmico-funcional, a linguagem é concebida com um sistema semiótico em três estratos: um de significados, um de fraseados e outro de letras/sons. [...] Temos em um primeiro plano, o estrato grafo-fonológico (letras/sons). Em um segundo plano, temos o nível da oração, que é realizada pela léxico-gramática (fraseados) e, por fim, em um terceiro nível, o semântico-discursivo (significados), localizado em um nível de abstração que está além da oração.

Ao um julgamento recorremos a uma variedade de recursos léxicos-gramaticais para ampliar, reduzir ou amenizar o que estamos avaliando, através das frases, estas que podem ser transmitidas tanto de forma oral como escrita. A figura 5 ilustra como se organiza os estratos da linguagem:

Figura 7 - Estratos da linguagem



Fonte: Almeida; Souza; JR (2010, p. 21)

Segundo (ALMEIDA; SOUZA; JR 2010) trata-se de um sistema de modalidade na interface entre semântica do discurso e léxico-gramática, da realização dos significados no texto com base no uso dos recursos disponíveis na semântica do discurso. Ou seja, o sistema de Avaliatividade está ligado à metafunção interpessoal, pois ao avaliarmos algo estamos estabelecendo relação com quem está sendo avaliado, no caso de textos seria uma relação escritor-leitor ou falante-ouvinte.

A noção de instanciação é de extrema importância para que se compreenda a relação entre avaliatividade (no nível do sistema) e avaliação (no nível do texto), isto é, a instanciação é a manifestação do sistema linguístico no texto, o que deve, da mesma forma, ser interpretado como um processo dialético, dado ao fato de que a instanciação se manifesta, constrói e reconstrói os potenciais de significado de determinada cultura. (ALMEIDA; SOUZA; JR 2010; p.22)

O que temos, assim, é que a linguagem realiza o contexto e que os textos que circulam em nosso contexto social instanciam o sistema, daí a importância em se compreender a relação linguagem-contexto e sistema instância. Ao pensarmos na instanciamento entre língua e texto concluímos que a Avaliatividade é uma instanciamento das possibilidades de avaliações e significados que um sistema linguístico pode nos proporcionar ao expressarmos nossas opiniões.

Bakhtin e Volochinov (2006, p.32) dizem que um signo é entendido, então, não apenas como a conjugação de significante e significado, pois o signo gera sentidos específicos conforme as condições de produção dos enunciados. O contexto e o texto não se separam, o contexto interfere no sentido do texto, se caracteriza dialogismo, carregando contradições e confrontos de valores dentro de um contexto social. Dentro da LSF considerar o contexto é de suma importância, pois existe uma relação dialética entre linguagem e contexto, no caso contexto de cultura como o de situação. Como vimos anteriormente, o contexto de registro se realiza dentro da parte léxico-gramatical e possui as variáveis campo relações e modo. Essa relação linguagem e contexto possibilita essas possibilidades de avaliações.

2.4.2. Graduação

Em relação à Graduação, Martin e White (2005, p.39) estabelecem recursos que dizem respeito à intensificação (força) e intensificação de limite (modo) que vão modular nossos posicionamentos em graus, ela nos fornece várias possibilidades de posicionamentos disponibilizada pelos recursos léxico-gramaticais e os efeitos retóricos associados às essas escolhas. Dentro da graduação é observado o papel da construção de significado que são desempenhados nessas negociações, como o alinhamento e o desalinhamento às posições de valor, crenças compartilhadas, etc. De acordo com Martin e White (2005, p.95):

Por 'alinhamento/desalinhamento', nos referimos ao acordo/desacordo com respeito tanto a avaliações de atitude quanto a crenças ou suposições sobre a natureza do mundo, sua história passada e como deveria ser.

Desse modo, quando trazemos para o nosso texto alguém que compartilha um ponto de vista para embasar o que estamos falando, ou quando queremos refutar ou negar um posicionamento alternativo. Para graduar a construção de significado que são desempenhados nessas negociações Martin e White (2005) consideram os recursos dialógicos que veremos mais adiante no tópico de Espaço Heterogóssico.

2.4.3. Engajamento

O sistema de Engajamento delinea o modo como as vozes textuais articulam com outras vozes dentro de um texto, em outras palavras permite descrever o modo de adesão ou não de quem escreve/fala em relação às proposições no texto. É aqui onde nos posicionamos e dialogamos com outros posicionamentos e onde se encaixa o dialogismo bakhtiniano, pois como afirma Martin e White (2005, p.92):

A realidade real da língua-fala não é o sistema abstrato de formas linguísticas, não é o enunciado monológico isolado, e não é o ato psicológico de sua implementação, mas o evento social da interação verbal implementada em um enunciado ou enunciados.

Ou seja, não nos comunicamos sozinhos, existe um direcionamento, uma finalidade e um destinatário. Como se trata de diálogos entre discursos existe uma troca de interações e posicionamentos. Nas palavras de Bakhtin (1981, p. 86):

Não compreendemos o significado de uma dada palavra simplesmente como uma palavra da língua, mas assumimos uma posição responsiva ativa com relação a ela (simpatia, concordância ou discordância, estímulo à ação), ou seja de uma perspectiva bakhtiniana esses posicionamentos tem ação responsiva.

O engajamento então é uma forma sistemática de observar essa recursividade nos posicionamentos. Para isso é importante relacionar os significados com o contexto que é produzido, no caso da LSF os contextos de cultura e contexto de situação, pois a partir do texto, contexto e recursos semântico-discursivos e léxico-gramaticais encontraremos os elementos interpessoais e o posicionamento do autor em relação ao que está sendo dito, como ele se compromete, polariza e modaliza as informações agregadas a outros recursos. Martin e White (2002) consideram interessantes dentro do

estudo da natureza dialógica da relação falante/ouvinte saber o grau de reconhecimento do que foi dito por falantes/ouvintes anteriores, os posicionamento em relação a posições de outros falantes (contra, a favor, neutralidade...), antecipações, que é quando o falante sinaliza como gostariam que os ouvintes se posicionasse em relação a seus valores. Ou seja, o sistema de engajamento possui uma organização, a qual é necessário acatar outros textos e vozes que falaram sobre uma determinada proposição e presumir que outras pessoas irão julgar as proposições que foram oferecidas. Há uma relação de dialogismo bakhtiniano, pois tudo que falamos já foi dito por outra pessoa, essas relações, segundo Brait (1997/2001 apud BARBARA e NININ, 2013, p. 98), “não estão pautadas somente em um discurso harmonioso e simétrico, mas em contradições situadas sócio historicamente, que orientam e instauram os eventos discursivos”. Portanto, o engajamento é a forma como recorremos a outros textos e outras vozes a partir de pontos de vista e bagagens singulares e como nos posicionamos em relação a elas.

Martin e White (2005) ao discutirem o subsistema de Engajamento, pontuam que todo texto é heteroglóssico, quando recorre aos recursos que permitem espaço para alternativas dialógicas; ou é monoglóssico, quando esses espaços não são abertos no texto. Ou seja, o espaço é monoglóssico quando não admite questionamentos e diálogos, o espaço é heteroglóssico quando as ideias são vistas como um conjunto situado em um contexto. No entanto, na perspectiva semântico-discursiva, as asserções, vistas como um conjunto situado contextualmente, tornam-se um todo heteroglóssico (VIAN JR., 2011, p.35-36), em outras palavras, é impossível analisar o engajamento do autor com as proposições dentro de um texto sem considerar todos os dados, fatos que geraram essas proposições.

2.4.3.1 Espaço Heteroglóssico

A Heteroglossia reconhece a diversidade de enunciados de acordo com White (2011) que ao engajarmos em uma voz mostramos através de sinalizadores nosso compromisso e posicionamento com essas vozes, podendo contrair ou expandir o espaço heteroglóssico. A contração dialógica diz respeito às restrições, desafios e

dispersão das proposições, enquanto a expansão dialógica diz respeito às ampliações desse espaço de articulação que permitem a entrada de posicionamentos alternativos.

Ao realizar uma expansão dialógica, o produtor textual faz com que a proposição contida em sua voz seja apenas uma das diferentes possibilidades de posições que pode assumir, propiciando, desse modo, a abertura de posicionamentos alternativos, de aceitação ou rejeição. (ALMEIDA; SOUZA; VIAN JR, 2010, p. 36)

Essa Expansão pode ser realizada por recursos de Entretenimento ou Atribuição. O Entretenimento diz respeito a proposições modalizadas, fundamentadas na subjetividade do autor, e que se caracteriza pelo uso de modalizadores (ex.: *pode, deve, é possível, é provável*). A Atribuição ocorre quando o autor utiliza mecanismos para embasar e fundamentar através de proposições de outros participantes, reconhecendo que existem outros posicionamentos que atribuem valores diversos; caracteriza-se pelo uso de Processos Verbais (*Fulano diz, Beltrame afirma*) e de Circunstâncias de Ângulo (*segundo Fulano, de acordo com Beltrano*). Dentro da Atribuição, temos o Reconhecimento, que é quando o autor prefere não manifestar seu posicionamento mediante o texto, mas atribui outras vozes para isso, ou de Distanciamento, que é quando o autor expressa explicitamente que não tem relação com a proposição, ou seja, ele não assume responsabilidade pelo que está sendo dito (ALMEIDA; SOUZA; VIAN JR 2010, p. 37). Os recursos para expansão dialógica associam a proposição relacionada a vozes externas ao texto, em interação com outras vozes e, dessa forma, pode ter a solidariedade do leitor/ouvinte em relação àquilo que expressa.

Já os recursos de contração dialógica são utilizados quando o autor está em desacordo com um posicionamento contrário ao seu. Os recursos para contração incluem a Isenção de Responsabilidade e a Ratificação. Refutação diz respeito aos recursos utilizados pelo autor que mostram que ele é contrário a determinado posicionamento. Dentro do recurso Isenção de responsabilidade temos a Negação, em que o autor nega a validade de uma proposição contrária (ex.: *não é verdade que..., é errado dizer...*) e a Contra-expectativa que é quando o autor apresenta uma proposição que vai suprir a outra e contraria a expectativa criada pela última; geralmente marcada por conjunções como *apesar, mesmo, ainda*. Como possibilidades de Ratificação temos:

Concordar, que mostra a proposição como fazendo parte do senso comum, indicando que autor e leitor estão de pleno acordo com ela (ex.: *obviamente, é claro, como sabemos*); o Endosso, que ocorre quando o autor traz fontes externas para validar suas proposições, que são geralmente expressas por orações verbais (ex.: *Fulano prova que..., Beltrano mostrou que...*) ; e o Pronunciamento, que diz respeito à ênfase que o autor dá a uma proposição, de modo a quebrar qualquer tipo de resistência do leitor em aceitar a validade de tal proposição (ex.: *a verdade é que..., você deve concordar que..., só podemos concluir que...*). A Figura 6 apresenta a organização sistemática desses recursos:

Figura 8 - Sistema de engajamento



Fonte: Martin e White (2005) traduzido e adaptados

Para concluir, o engajamento é um recurso de negociação que está relacionada ao dialogismo bakhtiniano. Trata-se de recursos que nos permitem nos posicionarmos responsivamente para realizar essa negociação de discursos e sentidos atribuídos ao texto. Essa negociação ocorre com os interlocutores e com outras vozes que

agregamos aos contextos de nossas enunciações, em uma perspectiva onde podemos analisar o direcionamentos que essas vozes têm dentro do nosso texto: quem são, de onde vem, a quem é direcionada e a forma como são avaliadas.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A metodologia é uma etapa importante para uma pesquisa, pois aqui descrevemos todo o percurso realizado, desde a escolha do *corpus* até o tratamento dele, além de todas as ferramentas metodológicas utilizadas para a análise. Assim, descrevemos a abordagem utilizada e apresentamos uma caracterização da pesquisa. Depois, será apresentada uma descrição do *corpus*, as categorias de análise e, por fim, o tratamento dos dados.

O foco deste trabalho é explorar o sistema de Engajamento nos textos acadêmicos de monografia, analisando como os autores dialogam com outras vozes discursivas para articular com os textos, permitindo observar como os recursos léxico-gramaticais mostram o posicionamento do autor em relação ao que está sendo dito.

O *corpus* constitui de vinte monografias produzidas por alunos da graduação em Letras-Inglês no ano de 2021 pelo Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) disponibilizadas no site no Departamento de Letras Estrangeiras (DLE). Escolhemos esses textos por se tratar de trabalhos atuais de pessoas que estudaram na universidade pela qual esse trabalho está sendo desenvolvido.

A metodologia de pesquisa para este trabalho consiste na descritiva. Segundo Gil (2002):

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. (GIL, 2002, pág. 42)

Utilizamos a metodologia descritiva, uma vez que catalogamos e analisamos processos verbais utilizados pelos autores das monografias, mostrando como esses se colocam no texto.

Nossa pesquisa também é qualitativa por haver a necessidade de interpretação dos dados mensurados.

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (BRANDÃO, 2001, p.13).

Ou seja, vamos observar os aspectos subjetivos presentes nos dados coletados, no caso as relações dialógicas das vozes dentro do espaço heteroglóssico de através das estratégias de engajamento. as negociações se caracterizam como expansão ou contração dialógica. Adotamos também uma abordagem quantitativa, na medida em que precisamos mensurar a ocorrência dos processos verbais ao longo dos textos

A pesquisa quantitativa traz uma abordagem de quantificação, ou seja, faz referência com dimensões de intensidade. Nesse sentido, o interesse do pesquisador se orienta por dimensionar, analisar e avaliar a aplicabilidade de recursos ou técnicas ou até mesmo introduzir uma variável na coleta de dados para um registro quantitativo. (RODRIGUES; OLIVEIRA E SANTOS 2021, pag. 165)

Contudo, nessa pesquisa, essa abordagem teve um papel secundário, servindo apenas para a delimitação dos processos verbais mais utilizados, sobre os quais nos debruçamos mais detalhadamente.

Para a produção das amostras, foi feito o seguinte passo a passo: Primeiro foi feito o *download* do corpus no site do DLE do CAPF, ou seja, as vinte monografias disponibilizadas pelo site, e também foi feito o *download* do programa *Antconc* (ANTONY, 2022) que utilizamos para catalogar a quantidade de ocorrência dos processos verbais de cada monografia, para isso foi necessário converter os textos que estavam em formato PDF para o formato TXT de modo a permitir sua leitura pelo programa. Para realizar essa conversão, recorreremos ao site da internet *Convertio* que serve para realizar conversões de documentos para diversos formatos. Após o processo de conversão, foi feito o upload dos textos para o *Antconc* (ANTONY, 2022).

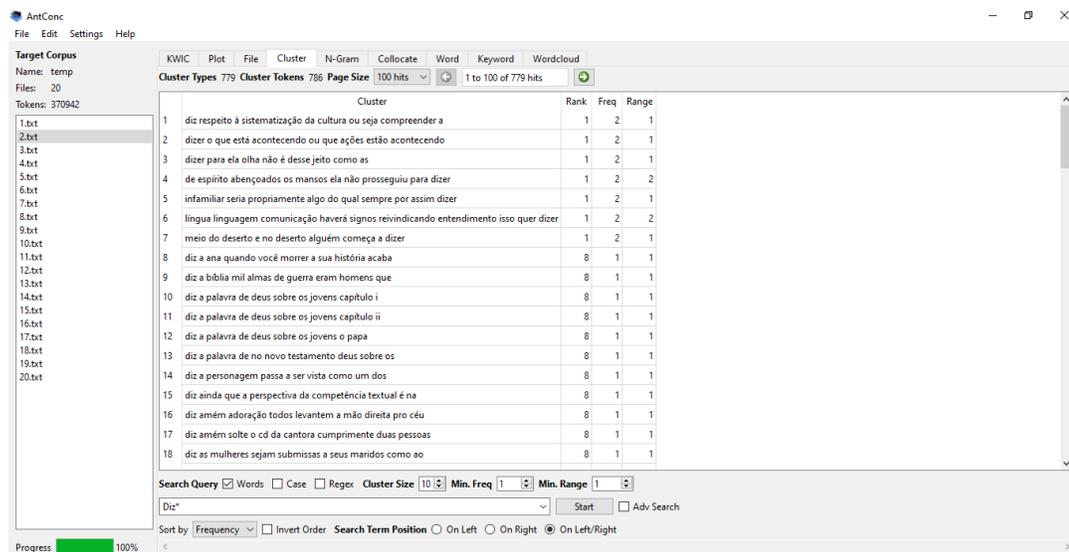
Após isso, selecionamos uma lista de processos verbais, usando como referência a listagem apresentada por Fuzer e Cabral (2014, p. 72), considerando aqueles que são mais comumente utilizados para fazer referência a outras vozes e

pontos dentro de textos acadêmicos. Adicionamos cada processo verbal na aba "cluster" e na parte de pesquisa foi inscrita as palavras de forma que fosse possível encontrar sua flexão, por exemplo, o processo verbal "dizer" foi digitada "diz*" e foi possível encontrar variações como; diz, dizeres, dizem.

Além disso, foi possível aumentar para 10 (dez) a quantidade de termos que aparecem junto com o item procurado, tanto para a direita e para a esquerda, permitindo assim observar o verbo dentro de um contexto mais amplo, de modo a higienizar nossos dados, desconsiderando ocorrências em que aquele verbo não cumpre função de processo verbal.

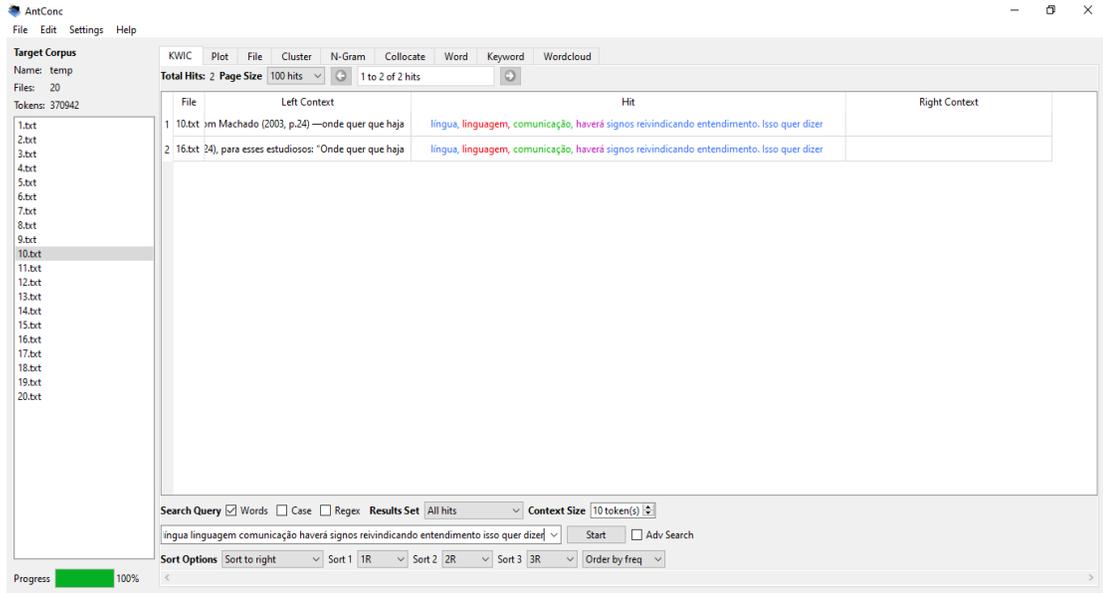
Foram pesquisados, ao todo, 55 verbos cumprindo a função de processos verbais, onde desse total os 4 processos mais frequentes nos textos haviam sido escolhidos para análise. Em seguida utilizamos o antconc para buscar amostras dentro dos textos e selecionamos vinte (20) amostras de uso de cada um desses verbos, totalizando oitenta (80) amostras para análise, conforme apresentamos no Apêndice A, B, C e D.

Figura 9 - Imagem do Antconc



Fonte: Própria

Figura 10 - Imagens do Antconc



Fonte: Própria.

Figura 11 - Imagens do Antconc

Cluster	Rank	Freq	Range
1	1	2	1
2	1	2	1
3	1	2	1
4	1	2	2
5	1	2	1
6	1	2	2
7	1	2	1
8	8	1	1
9	8	1	1
10	8	1	1
11	8	1	1
12	8	1	1
13	8	1	1
14	8	1	1
15	8	1	1
16	8	1	1
17	8	1	1
18	8	1	1

Fonte: Própria.

4 ANÁLISE DO OBJETO

Para etapa de identificação da estrutura léxico-gramatical destacamos O *processo verbal* em negrito, o *dizente* destacamos com a cor lilás, o *conteúdo do dizer* com azul, o *receptor* com verde, o *polarizador* com amarelo, a *circunstância* com vermelho e o *modalizador* com azul ciano.

Neste capítulo são apresentadas as análises feitas visando observar as estratégias de engajamento realizadas através de processos verbais do *corpus*. Como dito no capítulo metodológico escolhemos quatro processos verbais mais frequentes nas monografias: *Falar*, *Afirmar*, *Apontar* e *Dizer*, através das amostras que colhemos as amostras através do *Antconc*. Serão analisadas o total de quatro amostras de cada processo, sendo que duas estão realizando expansão dialógica e duas estão realizando contração dialógica dentro do espaço heteroglóssico.

Iniciamos destacando as amostras selecionadas, abaixo ampliamos para obtermos o contexto para basear nossa análise e apresentamos duas etapas de investigação sendo que a primeira consiste em identificar a estrutura léxico-gramatical das amostras apresentadas, a segunda observar as estratégias de engajamento

realizadas e como elas são utilizadas na construção da argumentação dentro das monografias.

4.1. Uso do processo verbal “*falar*” em textos de monografia.

Nesta seção vamos analisar quatro amostras do processo verbal “Falar”, abaixo apresentamos as amostras utilizadas para a análise F.5, F.8, F.12 e F.20. Em seguida apresentamos cada uma das amostras de forma mais contextualizada e descrevemos como as vozes estão articuladas dentro do espaço heteroglóssico de cada uma das orações.

F.5	...aproximam do conceito de esquematização proposto por Grize (1996). Como falado anteriormente, é o texto que revela as representações discursivas, e...
F.8	...emoções fortes e reconhecimento.” (CV, n. 82) Cumpre destacar que Francisco não fala em sexualidades, no plural, ele apenas exterioriza sua apreensão no...
F.12	...da iluminação, do traje) de tal modo que se pode falar , com Barthes, que a — teatralidade é uma espessura de signos...
F.20	...da sociedade, bem como a busca pelos direitos de igualdade. Zolin (2003, p. 161) nos fala que o feminismo trouxe questões que nos fizeram perceber que...

. Em “F.5” É perceptível o diálogo entre o conceito de esquematização e o de representação com base em Adam (2011), visto que a construção de uma Rd expressa uma imagem de mundo construída pelo locutor, que é processada pelo interlocutor, e

para que esse processo ocorra, as duas partes precisam estar inseridas em uma mesma situação.

F,5 - As RD propostas por Adam (2011) se aproximam do conceito de esquematização proposto por Grize (1996). Como falado anteriormente, é o texto que revela as representações discursivas, e podemos construí-la no texto por meio de três tipos: a Rd de locutor, do alocutário e do(s) tema(s) tratado(s). Desta forma, a representação discursiva do locutor é produzida da construção de imagens que ele faz de si mesmo, a representação discursiva do alocutário é produzida através das imagens que o locutor constrói a respeito do alocutário.

A partir do processo verbal em negrito temos sete orações, mas para a nossa análise os trechos que nos interessa estão destacados em azul ou seja, oração (1) *Como falado anteriormente*, (2) *é o texto que revela as representações discursivas*, (3) *e podemos construí-la no texto por meio de três tipos: a Rd de locutor, do alocutário e do(s) tema(s) tratado(s)*.

A oração 1 se refere a uma definição que foi trazida previamente através da circunstância de localização “*anteriormente*” ao demarcar que o conteúdo do dizer já foi falado anteriormente, e agora está sendo reforçado, aqui é um caso a de “*pronúnciação*”, o que configura uma contração do espaço heteroglóssico. Dentro do conteúdo do dizer sim há uma expansão por Entretenimento, com o modalizador podemos. Aqui observamos que se trata de uma expansão dialógica, pois o posicionamento da voz é apenas mais uma dentro de outros posicionamentos dialógicos por trazer concepções baseadas na subjetividade da voz para falar de representações discursivas.

Agora vamos analisar a amostra F.8 ampliada, nesse trecho é um respaldo acerca de um discurso feito pelo papa Francisco a respeito de sexualidade.

F.8 - *Cumprir destacar que Francisco não fala em sexualidades, no plural, ele apenas exterioriza sua apreensão no que diz respeito à sexualidade e os seus efeitos no desenvolvimento identitário individual.*

Na amostra F.8 a voz externa está sendo evocada através do recurso dialógico de Proclamação através de um posicionamento alternativo buscando concordar com uma proposição feita por essa voz, porém essa proposição não apresenta o que foi dito por Francisco, no caso a voz que está sendo evocada, mas se trata de uma justificativa feita pela voz interna em relação a um discurso referente à sexualidade. Há um alinhamento entre os posicionamentos, pois a oração argumenta sobre a construção de sentidos referente ao que foi dito na tentativa de blindar o dizente de possíveis contrariedades, se caracterizando como contração dialógica por trazer uma intervenção para possíveis alternativas dialógicas.

Na amostra F.12 fala sobre a abrangência da linguagem de teatros, ou seja que dentro da linguagem do teatro existem uma gama de outras linguagens envolvidas.

F.12 - *A linguagem do teatro, com efeito, serve-se de uma série de outras linguagens particulares (a do gesto, do cenário, da iluminação, do traje) de tal modo que se pode falar, com Barthes, que a —teatralidade é uma espessura de signos e de sensações que se edifica em cena a partir do argumento escrito, é esta espécie de percepção ecumênica dos artifícios sensuais, gestos, tons, distâncias substâncias, luz, que afogam o texto sob a plenitude de sua linguagem exterior. (COELHO, 2012, p.12).*

Nessa amostra é possível destacar cinco orações a partir do processo verbal, (1) *que se pode falar, com Barthes* (2) *a —teatralidade é uma espessura de signos e de sensações* (3) *que se edifica em cena a partir do argumento escrito,* (4) *é esta espécie de percepção ecumênica dos artifícios sensuais, gestos, tons, distâncias substâncias, luz,* (5) *que afogam o texto sob a plenitude de sua linguagem exterior.*

É apresentada através da dedução ou suposição de quem está dizendo, ou seja é possível apresentar uma alternativa para essa proposição caracterizando em uma

expansão dialógica. Se refere à uma voz externa que se alinha com a visão da voz principal, ou seja há uma expansão dialógica por Atribuição: Reconhecimento. A voz de Bakhtin, introduzida como uma circunstância de acompanhamento, soma-se à voz do autor, para defender o seu ponto de vista sobre a teatralidade. O modalizador "podemos fechar" deixa ainda mais clara essa abertura do espaço heteroglóssico.

F.20 - ...da sociedade, bem como a busca pelos direitos de igualdade. Zolin (2003, p. 161) nos **fala** que o feminismo trouxe questões que nos fizeram perceber que...

Na amostra F.20 as vozes dialogam a respeito dos estereótipos femininos e masculinos na literatura e no cinema.

F.20 - Zolin (2003, p. 161) nos fala que o feminismo trouxe questões que nos fizeram perceber que os estereótipos femininos sempre foram retratados de forma inferior em relação à figura masculina: “[...] o estereótipo feminino, negativo, largamente difundido na literatura e no cinema, constituiu-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher”.

Em F.20 é utilizado o recurso dialógico de Atribuição das fundamentações feitas por uma voz externa e ainda a voz interna se coloca como ouvinte promovendo Atribuição através do distanciamento em relação à proposição, ou seja ao se posicionar desta forma, não deixa claro seu posicionamento buscando se isentar de qualquer comprometimento com o que está sendo dito, assim essa amostra podemos caracterizar como uma expansão dialógica por apresentar a subjetividade da voz externa evocada, além disso o fato da voz interna se isentar de um posicionamento abre um leque de possibilidades para outras alternativas dialógicas.

4.2. Uso do processo verbal “*Afirmar*” em textos de monografia

Nesta seção vamos analisar quatro amostras do processo verbal “Afirmar”, abaixo apresentamos as amostras utilizadas para a análise A.1, A.2, A.5 e A.6. Em seguida apresentamos cada uma das amostras de forma mais contextualizada e descrevemos como as vozes estão articuladas dentro do espaço heteroglósico de cada uma das orações.

A.1	...discursivo das propostas que fundem o texto. É o que afirma Fonseca (2020, p. 77) se referindo ao plano de texto como um “[...] agente...”
A.2	...mas sim, possuidora de um caráter próprio. As discussões buscam afirmar que a adaptação não necessariamente precisa do aval da obra...
A.5	... Alemanha, tendo como objeto de estudo o texto. Tal qual afirma Bentes (2004), tomar o texto como objeto de estudo nem sempre foi...
A.6	...de texto. Portanto, analisando apenas por essas 2 respostas, poderíamos afirmar que ao menos para esses dois alunos o minicurso cumpriu...

A amostra A.1 fala sobre o plano de texto na visão de Fonseca (2020).

A.1- É o que **afirma** Fonseca (2020, p. 77) se referindo ao plano de texto como um “[...] agente desencadeador de uma rede de relações argumentativas.”. Na visão do autor, o plano de texto também apresenta uma função discursiva, pois é ele “[...] que condensa e irradia informações.”. (FONSECA, 2020, p. 77).

Temos (1) É o que afirma Fonseca (2020, p. 77) se referindo ao plano de texto como um “[...] agente desencadeador de uma rede de relações argumentativas.” e (2)

Na visão do autor, o plano de texto também apresenta uma função discursiva, pois é ele “[...] que condensa e irradia informações.” ambas as orações trazem o discurso projetado do dizente para definir o conceito de “Plano de texto”. em (1) e (2) É atribuída a autoria dos dizeres a uma voz externa através do recurso dialógico de Atribuição por meio do Reconhecimento de uma voz externa que se alinhe com seu posicionamento, porém se isentando de se comprometer com o que está sendo dito, trazendo expansão dialógica já que que existe dizeres atribuídos a outras vozes.

A amostra A.2 diz respeito à necessidade de se ter o aval de obras literárias para definir se uma adaptação será boa ou não.

A.2 - As discussões buscam afirmar que a adaptação não necessariamente precisa do aval da obra literária para constituir-se como sendo algo de qualidade, essa ideia de que as adaptações devem ser fiéis ao conteúdo, história, ponto de vista de personagem, narração e outros aspectos de uma obra literária, acabam influenciando para uma visão negativa e na recusa das adaptações.

Aqui é apresentado (1) *As discussões buscam afirmar que a adaptação não necessariamente precisa do aval da obra literária para constituir-se como sendo algo de qualidade* (2) *essa ideia de que as adaptações devem ser fiéis ao conteúdo, história, ponto de vista de personagem, narração e outros aspectos de uma obra literária, acabam influenciando para uma visão negativa e na recusa das adaptações.* em (1) é utilizado o recurso de Entretenimento para formular conclusões a respeito de proposições que precederam as conclusões apresentadas nas orações (1) e (2), ainda na (1) é apresentado o recurso dialógico de Isenção de Responsabilidade através da Negação, Quando há negação, o que ocorre uma contração do espaço heteroglóssico. Nesse caso apoiados nas discussões anteriormente apresentadas no texto ele tem intenção de afirmar o ponto de vista totalmente contrário as vozes dissonantes negando a validade dessas vozes. Em (2) é apresentado o recurso dialógico de Entreter no posicionamento da voz perante a conclusões assumidas (1), pois aqui são apresentados argumentos baseado na subjetividade da voz, possibilitando outras interpretações e posicionamentos, se caracterizando como uma expansão dialógica.

A amostra A.5 informa sobre o texto como um objeto de estudo, que antes não era bem aceito pela linguística.

A.5 - A Linguística Textual (LT) surgiu na segunda metade da década de 1960 se consolidando inicialmente na Europa, principalmente na Alemanha, tendo como objeto de estudo o texto. Tal qual afirma Bentes (2004), tomar o texto como objeto de estudo nem sempre foi bem aceito, a autora nos mostra que foi necessário um percurso de mais de 30 anos desde que o termo Linguística Textual foi utilizado pelo teórico alemão Harald Weinrich.

A oração (1) *tomar o texto como objeto de estudo nem sempre foi bem aceito* e (2) *a autora nos mostra que foi necessário um percurso de mais de 30 anos desde que o termo Linguística Textual foi utilizado pelo teórico alemão Harald Weinrich*. A voz apresentada nas orações (1) é de Atribuição da voz interna com o que está sendo dito através do Reconhecimento fundamentada nos dizeres de uma voz externa por meio de uma citação indireta, se caracterizando em expansão dialógica por apresentar dizeres de outras vozes. Na (2) a voz ainda se coloca na posição de ouvinte mediante o uso do pronome "nós" na para se isentar de qualquer comprometimento com o que está sendo dito através da Atribuição das proposições feitas pela voz externa, se caracterizando em uma expansão dialógica.

Em A.6 fala sobre os resultados obtidos com a aplicação de um minicurso.

A.6 - Portanto, analisando apenas por essas 2 respostas, poderíamos afirmar que ao menos para esses dois alunos o minicurso cumpriu o propósito e foi efetivo, dado que os alunos afirmam melhorias de desempenho e conseguem de fato reconhecê-las.

Nessa oração a voz utiliza o recurso dialógico de Evidências para interpretar os resultados obtidos através de duas respostas acerca dos resultados da aplicação do minicurso. Também utiliza o recurso de de Pronunciamento para proclamar que os resultados de fato foram efetivos através do endosso do feedback dos alunos, existe uma visão de valor positiva apresentada pela voz interna, que é o fato dele deduzir que

o minicurso foi efetivo através do depoimento dos alunos, porém a quantidade de depoimentos colhido não parece ser adequada para mensurar a qualidade das aulas do minicurso, e que esse fator é reconhecido pela voz ,pois “ *poderíamos afirmar que ao menos para esses dois alunos o minicurso cumpriu o propósito e foi efetivo*”, indica que existem mais alunos e que não existe certeza de que para eles esse minicurso de fato foi efetivo. Ou seja, a visão de valor não está totalmente alinhada com todos os alunos, por apresentar apenas os resultados que compartilham de sua visão, portanto podemos caracterizar essa situação como uma Uma expansão dialógica por distanciamento(em relação aos alunos veja parênteses e por entretenimento, indicada pelo modalizador "poder ambos". A autora deixou bem claro que há outras vozes e aquelas conclusões referem apenas aqueles dois alunos.

4.3. Uso do processo verbal “Apontar” em textos de monografia

Nesta seção vamos analisar quatro amostras do processo verbal “Apontar”, abaixo apresentamos as amostras utilizadas para a análise Ap.12, Ap.13, Ap.14 e Ap.16. Em seguida apresentamos cada uma das amostras de forma mais contextualizada e descrevemos como as vozes estão articuladas dentro do espaço heteroglóstico de cada uma das orações.

Ap.12	...o preto e o cinza. Se o preto, como já apontado anteriormente, indica não só a ausência de cor, mas ressignifica...
Ap.13	...indivíduos que refletem e discutem problemáticas pertencentes aos seus âmbitos. Zolin (2003, p.167) nos aponta os dizeres de Beauvoir (1980) em que as relações entre os sexos...
Ap. 14	..., nos fazendo recorrer às concepções apresentadas, acerca dos multiletramentos. Como aponta Rojo e Moura (2019), uma pessoa letrada não deve ser capaz...
Ap. 16	...plena evolução no qual estão incluídos os que riem. (BAKHTIN, 1987, P. 11) Ao apontar essa distinção, pode-se reforçar que o riso carnavalizado não concebia...

Em Ap.12 uma conceituação a respeito da representação da cor preta e a cor cinza num paralelo entre luz e sombra da lareira.

Ap.12 - Se o preto, como já apontado anteriormente, indica não só a ausência de cor, mas ressignifica a sombra, temos no cinza a extinção da chama, assim qual aparecia na figura 05, num paralelo entre luz e sombra da lareira.

(1) *Se o preto, como já apontado anteriormente, indica não só a ausência de cor, mas ressignifica a sombra, e (2) temos no cinza a extinção da chama, (3) assim qual aparecia na figura 05, num paralelo entre luz e sombra da lareira.* A oração (1) se refere a uma definição que foi trazida previamente através do advérbio “*anteriormente*”, a respeito do significado da cor preta e utiliza o recurso dialógico de é apresentado o recurso dialógico de Isenção de Responsabilidade através da Negação para demonstrar que embora exista um posicionamento que se alinhe com os dizeres anteriores em relação a proposição apresentada, existe a negação a respeito das limitações de significados construídos pela cor preta dentro do contexto mostrando uma alternativa dialógica, onde apresenta uma certa abrangência de significados para o preto caracterizando como expansão dialógica.(2) ele utiliza o recurso dialógico Proclamar para deduzir de acordo com sua própria subjetividade o que seria o “cinza” de acordo com o contexto apresentado previamente em outra circunstância, implicando na contração dialógica pois nesse caso a voz não estará aberta para negociações com outras alternativas dialógicas.

Na amostra Ap. 13 fala sobre as relações entre o sexo masculino em feminino.

Ap.13 - *Zolin (2003, p.167) nos aponta os dizeres de Beauvoir (1980) em que as relações entre os sexos são caracterizadas como os homens no lugar de senhores e as mulheres como escravas.*

Nessa oração é feito o endossamento de uma voz fundamentada no posicionamento de outra voz através do recurso dialógico Atribuição, no caso o Reconhecimento que se refere a Zolin (2003, p.167) caracterizando-se m uma expansão dialógica e o recurso de Proclamação através da Concordância, pois que existe o reconhecimento dos dizeres, diz respeito a Beauvoir, (1980), como um adendo para para trazer mais credibilidade a proposição através de uma citação indireta que um autor fez sobre outro autor estabelecendo um processo de dialogismo entre os dizeres. O fato de trazer outras vozes ao texto caracteriza como uma expansão dialógica, porém o alinhamento de dois posicionamentos compartilhados

universalmente, está inclinado a excluir algumas alternativas dialógicas, apresentando uma certa contração dialógica. por tanto aqui é apresentada uma abertura para posicionamentos que se alinham, rejeitando qualquer alternativa contrária aos dizeres dessas vozes.

Ap. 14 mostra que as capacidades de uma pessoa letrada vão muito além de decodificar e escrever palavras.

Ap.14 - Como aponta Rojo e Moura (2019), uma pessoa letrada não deve ser capaz apenas de decodificar e escrever palavras, mas também de saber usar essas ferramentas de maneira eficaz nas diversas práticas sociais do mundo atual. Assim, uma pessoa letrada é capaz de utilizar a leitura e a escrita para agir socialmente, buscando alcançar seus objetivos de comunicação.

(1) Como aponta Rojo e Moura (2019), (2) uma pessoa letrada não deve ser capaz apenas de decodificar e escrever palavras, (3) mas também de saber usar essas ferramentas de maneira eficaz nas diversas práticas sociais do mundo atual. (4) Assim, uma pessoa letrada é capaz de utilizar a leitura e a escrita para agir socialmente, (5) buscando alcançar seus objetivos de comunicação. Na oração (1) temos o recurso dialógico de Atribuição através do Reconhecimento de uma voz externa bem fundamentada aumentando o grau de concessão dentro desses posicionamentos, pois aqui além de trazer a subjetividade de uma voz externa complementa esse posicionamento, caracterizando-se como expansão dialógica. Em (2) traz o recurso dialógico Proclamação através de concordar para trazer uma conclusão feita baseado a partir do que foi dito pela voz externa em (1), ou seja a oração (1) serviu como base para a argumentação da oração (2) trazendo respaldo e credibilidade para as conclusões feitas acerca das capacidade de uma pessoa letrada. A (2) se caracteriza por uma contração dialógica, pois esse recurso mostra o alinhamento de dois posicionamentos compartilhados universalmente, inclinado a excluir algumas alternativas dialógicas.

Ap.16 - ...plena evolução no qual estão incluídos os que riem. (BAKHTIN, 1987, P. 11)
Ao apontar essa distinção, pode-se reforçar que o riso carnavalizado não concebia...

Ap.16 - (BAKHTIN, 1987, P. 11) Ao **apontar** essa distinção, **pode-se** reforçar que o riso carnavalizado não concebia a separação entre seus partícipes, ao contrário, ao permitir esse revezamento de atos cômicos, ele conseguia unir ambos a um propósito comum, àquilo que os levava às ruas/praças: a diversão.

Temos (1) (BAKHTIN, 1987, P. 11) Ao apontar essa distinção, (2) pode-se reforçar que o riso carnavalizado não concebia a separação entre seus partícipes, (3) ao contrário, ao permitir esse revezamento de atos cômicos, (4) ele conseguia unir ambos a um propósito comum, àquilo que os levava às ruas/praças: a diversão. A oração (1) temos o recurso de Atribuição através do Reconhecimento de algum posicionamento anterior que está alinhada com o posicionamento da voz interna conclusões feitas pela mesma, pois a partir disso é apresentado hipóteses que deixam implícitas seu posicionamento subjetivo da voz interna através de “pode” e o pronome oblíquo “se”, se caracterizando como uma expansão dialógica à medida que esse endosso fundamentam as conclusões subjetivas da voz interna (4) é utilizado o recurso dialógico de Atribuição através do Reconhecimento, pois aqui está sendo atribuído a voz externa o mérito de “consequir unir ambos a um propósito comum”, caracterizando isso como expansão dialógica.

4.4. Uso do processo verbal “*Dizer*” em textos de monografia;

Nesta seção vamos analisar quatro amostras do processo verbal “Dizer”, abaixo apresentamos as amostras utilizadas para a análise D.4, D.5, D.9 e D.12. Em seguida apresentamos cada uma das amostras de forma mais contextualizada e descrevemos como as vozes estão articuladas dentro do espaço heteroglósico de cada uma das orações.

D.4	... ocorre a comunicação entre falantes de nações diferentes, e como diz Leffa (2001, p.10) “O inglês não tem fronteiras geográficas”, o que possibilita...
D.5	...enquanto sistema e enquanto código. De um modo geral, pode-se dizer que o campo teórico da LT se desenvolveu através de...
D.9	...para encarregar-se de sentir. Isso não é mesma coisa que dizer que os produtos são completamente destituídos de sentimentos, mas sim...
D.12	...de pesquisa passou a ser considerado uma “escola”: [...] é possível dizer que a ETM surgiu sob a forma de um conhecimento...

Em D.4 Mostra uma citação de Leffa (2001), que fala a respeito do alcance da língua inglesa.

D.4 - e como diz Leffa (2001, p.10) “O inglês não tem fronteiras geográficas”, o que possibilita comunicação entre falantes de nações diferentes

Essa oração traz o recurso dialógico de Atribuição através do Reconhecimento se referindo a uma voz externa, voz essa apresentada de forma projetada,

caracterizando como expansão dialógica, trazendo o recurso negação quando afirma que “o inglês não tem fronteiras”, rejeitando possibilidades de desalinhamento com o seu dizer., em seguida a voz dentro do texto complementa com o recurso dialógico de possibilidade, para trazer uma hipótese alinhado com o que foi dito pela voz externa. Voz se linha positivamente em relação às comunicações entre falantes de outras nações o polarizador abre possibilidades em relação ao alcance da língua inglesa.

Em D.5 mostra uma conceituação a respeito do desenvolvimento da linguística textual.

D.5- De um modo geral, pode-se dizer que o campo teórico da LT se desenvolveu através de três momentos, sendo estes: a análise transfrástica, a elaboração de gramáticas textuais e por último, o surgimento de teorias do texto.

Nessa oração a Voz apresenta uma neutralidade a respeito do que está sendo dito através do recurso dialógico Entretenimento. O autor aqui atenua sua proposição, no sentido de reconhecer que podem haver pontos de vistas opostos que também sejam válidos, voz não se apresenta claramente como autor desses dizeres, muito embora deixe implícito seu posicionamento através do modalizador “pode” e o pronome oblíquo “se”, indicando que embora a voz prefira se isentar da responsabilidade desse posicionamento existe sim uma subjetividade nesses dizeres, abrindo um leque de posicionamentos possíveis , se caracterizando como expansão dialógica.

D.9 fala sobre a arbitrariedade dos sentimentos, ou intensidades em relação aos produtos que os são atribuídos.

D.9 - Isso não é mesma coisa que dizer que os produtos são completamente destituídos de sentimentos, mas sim que tais sentimentos – a que pode ser melhor e mais correto chamar, segundo Lyotard, de ‘intensidades’ - são agora autossustentados e impessoais e costumam ser dominados por um tipo peculiar de euforia.

Oração (1) Isso não é mesma coisa que dizer que os produtos são completamente destituídos de sentimentos. Oração (2) tais sentimentos – a que pode

ser melhor e mais correto chamar, segundo Lyotard, de 'intensidades' - (3) são agora autossustentados e impessoais (4) e costumam ser dominados por um tipo peculiar de euforia. Na oração (1) A voz utiliza o recurso dialógico de Isenção de Responsabilidade através da Negação para demonstrar que além de não concordar com uma suposta proposição feita anteriormente, denotada através do pronome "isso", apresenta logo em seguida em (2) Apresenta o recurso dialógico Proclamar através do Endossamento de uma voz externa para refutar essa suposta proposição mostrando expansão dialógica. Sendo que (2) embora o posicionamento da voz interna seja implícito ela demonstra sua subjetividade em relação ao que está sendo dito através do modalizador "pode", sobre a forma correta de denominar tais sentimentos, portanto apresentando uma contração dialógica em (1) e (2).

D.12 apresenta uma conceituação a respeito do surgimento da ETM e a respeito da semiótica no que se refere a sua aplicação prática.

D.12 - [...] é possível dizer que a ETM surgiu sob a forma de um conhecimento aplicado para o estudo da linguagem e dos sistemas de signos. Por semiótica aplicada estou entendendo a prática semiótica que, em vez de simplesmente transportar teorias para a análise do objeto que, dessa forma, tem de conforma-se a elas, deriva teorias pelo exame das propriedades a partir do próprio objeto. A semiótica é, sobretudo, um exercício de questionamento. (MACHADO, 2003, p. 35)

Oração (1) [...] é possível dizer que a ETM surgiu sob a forma de um conhecimento aplicado para o estudo da linguagem e dos sistemas de signos. (2) Por semiótica aplicada estou entendendo a prática semiótica (3) que, em vez de simplesmente transportar teorias para a análise do objeto (4) que, dessa forma, tem de conforma-se a elas, deriva teorias pelo exame das propriedades a partir do próprio objeto. (5) A semiótica é, sobretudo, um exercício de questionamento. (MACHADO, 2003, p. 35)

Na oração (1) e (3) A voz deixa parcialmente perceptível seu posicionamento no caso da (1) ele utiliza o recurso de Probabilidade através do modalizador "possível" e no caso da (3) ele usa o recurso de voz única para concluir seu argumento deixando

implícito ou não dando abertura para possíveis negociações. Contudo, na (2) ele se posiciona de maneira em que ele expressa seu entendimento subjetivo acerca de semiótica aplicada através do recurso dialógico Entretenimento por meio do modalizador “possível”, ou seja existe a possibilidade de diálogo com outras vozes acerca do assunto, porém de modo a contestar e confrontar alternativas dialógicas, pois vozes autorais são direcionadas para o enfrentamento de um posicionamento contrário.

5 CONCLUSÃO

A Partir do desenvolvimento construído, nessa monográfica analisamos as estratégias de engajamento realizadas através de processos verbais nos trabalhos de monografia. Observamos a importância que esses trabalhos têm no meio acadêmico, além de ser um requisito para colar grau, também desempenham um papel muito importante para pesquisas científicas. Com relação a estudos que envolvem análise de monografias ainda existe um número escasso de pesquisas envolvendo Engajamento em textos acadêmicos, sendo esta uma das poucas contribuições acerca das estratégias de engajamento utilizadas na construção da argumentação dentro das monografias.

Para dar embasamento teórico na nossa pesquisa os principais autores presentes, no que diz respeito a estratégia de engajamento, foram Almeida, Souza; e Vian Jr (2010) e Martin e White (2005). a partir desses pressupostos pudemos observar como o engajamento em uma voz sinaliza nossos posicionamento podendo contrair ou expandir o espaço dialógico dentro dos nossos textos.

O objetivo geral da monografia foi analisar as estratégias de engajamento realizadas por processos verbais em monografias e para atingir esse objetivo desenvolvemos três objetivos específicos, no primeiro momento foi Identificar os processos verbais utilizados nos *corpus* selecionados, o segundo momento foi Interpretar as estratégias de engajamento realizadas por esses processos.

Para nos embasamos teoricamente utilizamos a teoria da LST desenvolvida por Halliday, através do trabalho de autores que foram citados previamente fazendo todo um percurso até chegarmos na metafunção Interpessoal e aprofundar nos pontos que realmente interessam a nossa pesquisa que diz respeito ao sistema de avaliatividade, graduação e engajamento, que como já foi falado a avaliatividade observa nosso posicionamento dialógico em relação a outras vozes textuais , graduação como modelamos nosso posicionamento dialógico, engajamento como é articulado esses posicionamento.

No primeiro objetivo específico escolhemos os processos verbais que trabalhamos na análise e fizemos a coleta de dados com o auxílio do programa

Antconc, foi um processo bastante demorado, pois algumas amostras não serviram para o propósito da análise pois em algumas delas o verbo não estava atuando como processo verbal. Após a coleta selecionamos quatro amostras de cada processo para a análise e as outras estão no apêndice.

No segundo objetivo, que foi a parte de interpretação, ampliamos as amostras para obtermos um contexto do que se referiam, separamos por orações e utilizamos os recursos dialógicos para compreendermos como funcionava essa articulação de posicionamentos ideológicos.

E no terceiro objetivo observamos posicionamento com essas vozes permitem uma abertura dentro do espaço heteroglóssico, ou seja, até que ponto recursos dialógicos permitiam nos posicionamentos responsivamente para realizar essa negociação de discursos e sentidos atribuídos ao texto.

Diante das análises feitas percebemos como os recursos dialógicos nos ajudam a perceber como as vozes estão articuladas dentro do texto revelando dois posicionamentos discursivos, uma a qual existe um alinhamento de pontos de vistas presentes potencializando esse diálogo e a outra revelando uma redução no potencial dialógico entre as vozes não dando abertura para negociações de sentido. De um ponto de vista em que pudemos observar direcionamentos que essas vozes têm dentro do nosso texto: quem são, de onde vem, a quem é direcionada e a forma como são avaliadas. Podemos concluir que a análise de recursos de engajamento significa observar as mais variadas maneiras de negociar seus pontos de vista com outras vozes dentro do texto

Desejamos que essa pesquisa sirva como inspiração para novas pesquisas acadêmicas acerca da Linguística sistêmico-funcional e mais precisamente no sistema de engajamento, pois no meio acadêmico é muito comum recorrermos a outras vozes para fundamentar nossos trabalhos, com isso é muito pertinente como essa dinâmica de articulação e dialogismos acerca das vozes discursivas,

REFERÊNCIAS

BAKHTIN/VOLOCHINOV. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi- 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARBARA, L; NININ, M.O.G. **Engajamento na perspectiva linguística sistêmico-funcional em trabalhos de conclusão de curso de Letras**. São Paulo: PU,. 2013.

FUZER, A.; CABRAL, S. R. S. (Orgs.). **Introdução à Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa, 2014.

GHIO, E.; FERNÁNDEZ, M. D. **Linguística sistêmico funcional: aplicaciones a la lengua española**. Santa Fe: Universidade Nacional Del Litoral, Waldhuter Editores, 2008.

GIL, A.C. **Antônio Carlos Gil: como elaborar um projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas,2002.

GOUVEIA. C. A. M. **Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico Funcional**. Matranga, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 13-47, jan./jun. 2009.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. 2ª ed., London: Edward Arnold (1994).

HALLIDAY, M, A, K.; MATTHIESSEN, C. M.I.M. **An Introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 2014.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. São Francisco, CA: Jossey-Bass, 1998.

OLIVEIRA, G.S; RODRIGUES; T.D.F.F; SANTOS, J.A. **AS PESQUISAS QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS NA EDUCAÇÃO**. Rio de Janeiro, Prisma: v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021.

SILVA, J. F. **O funcionamento das circunstâncias de ângulo, da Linguística Sistêmico Funcional, em artigos, monografias, dissertações e teses de letras**. Pau dos Ferros: UERN. 2019.

SOUZA, A. P. S. **Um estudo sistêmico-funcional da modulação em textos acadêmicos**. Pau dos Ferros: UERN. 2020.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar**. London: Arnold. 1996.

VIAN JR., O. (2011). **Engajamento**: monoglossia e heteroglossia. In: VIAN JR., O; SOUZA, A.A. de; ALMEIDA, F.S.D.P. (orgs.) *Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade* São Carlos: Pedro & João Editores. (pp.33-40).

APÊNDICE A - Amostras do processo verbal “Falar”

F.1	...a intersecção entre texto e discurso. Já no canto direito, falamos das forças centrífugas, que “[...] permite[m] ao texto ganhar unidade de...
F.2	... caminho.” “Nossa relação chegou ao fim.” Podemos perceber que, quando falamos sobre amor ou relacionamentos, nós utilizamos conceitos que definem uma...
F.3	... esperar até a aula seguinte para poderem participar. Nós estamos falando de uma língua internacional que milhões de pessoas falam no...
F.4	...utilizando o letramento visual. Sobre isso, Gomes et al (2019), nos fala que os textos multimodais necessitam que a escola proporcione uma...
F.5	...Adam (2011) se aproximam do conceito de esquematização proposto por Grize (1996). Como falado anteriormente, é o texto que revela as representações discursivas, e...
F.6	...será interpretado. Podemos ter um signo ou vários signos quando falamos de uma mensagem. Segundo Santos (2011), a escolha de signos é socialmente motivada por...
F.7	...experienciar o presente com força e coragem.No capítulo II, o Papa fala sobre um “Jesus Cristo sempre jovem”, espelho para uma juventude...
F.8	...para explorar a si mesmos, buscando emoções fortes e reconhecimento.” (CV, n. 82). Cumpre destacar que

	Francisco não fala em sexualidades, no plural, ele apenas exterioriza sua apreensão no...
F.9	... realidades legítimas. Entendemos que essas realidades ou juventudes, de que fala Francisco, se diferenciam pelo nível de intimidade com Deus: uma...
F.10	...ser diante da experiência ameaçadora de regimes totalitários de que fala Levi são representados no palco pela presença do inerte boneco...,
F.11	...verbal se confirma como sistema dotado da estrutura de que fala Jakobson, enquanto que as outras linguagens da cultura só podem...
F.12	...da iluminação, do traje) de tal modo que se pode falar , com Barthes, que a —teatralidade é uma espessura de signos...
F.13	„,a quebra desses estereótipos, a partir dos anos 1960 as escritoras falam sobre as divergências femininas e suas experiências pessoais. As personagens...
F.14	... proferido por um dos participantes como afirmam Martin e Rose (2007): Falando minimamente, a troca consiste de um movimento obrigatório. Quando negociamos...
F.15	... nos atemos a sua definição. Nas escolas em geral, quando falamos de material didático, pensamos no livro didático, este inseparável "entre"...
F.16	...cor de passagem, no sentido a que nos referimos ao falar dos ritos de passagem: e é justamente a cor privilegiada...
F.17	...obra literária estabelecer os conceito de ser real, quando se fala de

	ser fictício, na intenção de construir um paralelismo simples...
F.18	...caminho.” “Nossa relação chegou ao fim.” Podemos perceber que, quando falamos sobre amor ou relacionamentos, nós utilizamos conceitos que definem uma...
F.19	... Proposta. Fonte: adaptado de Halliday & Matthiessen (2014, p. 136) É importante também falar das proposições e das propostas. Quando temos informações sendo trocadas...
F.20	... bem como a busca pelos direitos de igualdade. Zolin (2003, p. 161) nos fala que o feminismo trouxe questões que nos fizeram perceber que...

APÊNDICE B - Amostras do processo verbal “Afirmar”

A.1	...discursivo das propostas que fundem o texto.É o que afirma Fonseca (2020, p. 77) se referindo ao plano de texto como um “[...] agente...
A.2	...mas sim, possuidora de um caráter próprio. As discussões buscam afirmar que a adaptação não necessariamente precisa do aval da obra...
A.3	...não só de aluno e professor, de todos. Pois como afirma Franco (2018 p. 5-6), [...]promover o ensino de LI em um contexto caracterizado...
A.4	...situação! Ou pelo menos, amenizaram o prejuízo na educação. Moran (2000, p. 63), afirma que “ensinar com as novas mídias será uma revolução se...
A.5	..Alemanha, tendo como objeto de estudo o texto. Tal qual afirma Bentes (2004), tomar o texto como objeto de estudo nem sempre...
A.6	...de texto. Portanto, analisando apenas por essas 2 respostas, poderíamos afirmar que ao menos para esses dois alunos o minicurso cumpriu...
A.7	...na perspectiva de Rosenfeld (1968), quanto à personagem ficcional, o mesmo afirma que “a apreensão do mundo fictício é acompanhada de intensas...
A.8	... um grande avanço tecnológico para pôr ordem nos distritos. Jacoby (2001), afirma que as narrativas que apresentam a distopia

	como foco são...
A.9	... indiretamente afetaram a minha jornada de graduação. Em Eclesiastes 4: 9-10, Salomão afirmou que “É melhor ter companhia do que estar sozinho, porque...
A.10	...morto e para quem o materialismo não provê consolo (1984, p. 10). Messer afirma que, —totalmente alienado da realidade, a vítima é, portanto, conquistada...
A.11	...destaca também o quanto a aparência física é importante, quando afirma que: É difícil ver a ameaça que Elektra representa aos...
A.12	...o sentido do que chamamos de conteúdos da cultura. Machado afirma “[...] parto do princípio de que a cultura dispõe de mecanismos...
A.13	...contraste discreto com o mundo do leitor. Moylan (2002, p. 54, tradução nossa) afirma que: Os novos romances utópicos partem do modo de abordagem...
A.14	... maioria das vezes, apenas do modo escrito. Assim elucida Pimenta (2007), afirmando que até mesmo nos manuais produzidos para o professor...
A.15	...formas, utilizando diferentes modos semióticos direcionados a mesma. Lima (2019, p. 107) afirma que: Com as Tecnologias da Informação e da Comunicação, os...
A.16	...seus participantes, seja de maneira verbal ou visual. Portanto, pode-se afirmar que todos os signos dispostos no teatro são artificiais ou...
A.17	...tal criação. Prose (2008, p. 116) discorre sobre a vitalidade

	<p>desses seres ao afirmar que “somos estimulados a pensar - [...] Não se trata de algo...</p>
A.18	<p>...pressuposto que toda utopia carrega uma própria ideologia, então, podemos afirmar que ela pode ser classificada como uma possível realidade. Temos...</p>
A.19	<p>...obrigatório (MO) que é proferido por um dos participantes como afirmam Martin e Rose (2007): Falando minimamente, a troca consiste de um...</p>
A.20	<p>...crítica literária feminista procura a desconstrução, de forma que Zolin (2003) afirma ser um termo utilizado como crítica para as oposições de...</p>

APÊNDICE C - Amostras do processo verbal “Apontar”

Ap.1	...e a humildade como aspectos valorizados por Deus. Lá atrás, apontamos nas palavras do Sumo Pontífice um dos motivos que ele...
Ap.2	...será capaz de ajudar genuinamente o próximo (CV, p. 33). Francisco, em acréscimo, aponta como causas da negação da Igreja, o ambiente digital, os...
Ap.3	...obrigatoriedade ainda era recomendada apenas se as condições permitissem, como aponta Costa (1987, Apud PAIVA, 2003 p.60): o fato de os legisladores federais deixarem à língua...
Ap.4	...No tópico 2.6, O ensino remoto emergencial em tempos de pandemia, apontamos meios utilizados pela sociedade para manter o ensino, agora feito...
Ap.5	...do calor e do frio. Através desses diálogos o pregador aponta que a provisão dada por Deus ao seu povo não...
Ap.6	...multiplicando ainda mais a diversidade social, linguística e pessoal. Como aponta Cope e Kalantzis (2008a, p. 196-197), a palavra “multiletramentos” engloba dois argumentos importantes...
Ap.7	...o que dá a personagem um certo valor, como nos aponta Rosenfeld (1968, p. 36): Graças à seleção dos aspectos esquemáticos preparados e ao...
Ap.8	... se interligam com o enredo no qual estão inseridas. Cândido aponta que “O enredo existe através das personagens; as personagens vivem...
Ap.9	...produções, de modo a serem reconhecidas publicamente. Com isso, Harvey (2004, p. 31) aponta que: A arte modernista sempre foi o que Benjamin denomina...
Ap.10	...tendo a pastoral juvenil sofrido com as mudanças sociais, ele

	aponta alterações no trato da juventude. Dessa maneira, declara que é..
Ap.11	...castigar o falso herói. A partir disso, Ducrot e Todorov (1998) nos apontam que a personagem pode seguir duas vias, a direta, na...
Ap.12	...o preto e o cinza.Se o preto, como já apontado anteriormente, indica não só a ausência de cor, mas ressignifica...
Ap.13	...refletem e discutem problemáticas pertencentes aos seus âmbitos. Zolin (2003, p.167) nos aponta os dizeres de Beauvoir (1980) em que as relações entre os...
Ap.14	...nos fazendo recorrer às concepções apresentadas, acerca dos multiletramentos. Como aponta Rojo e Moura (2019), uma pessoa letrada não deve ser capaz...
Ap.15	...o Francês tinha grande predomínio no ensino. Mas, como ainda aponta Paiva (2003), após a chegada do cinema falado é que o...
Ap.16	...plena evolução no qual estão incluídos os que riem. (BAKHTIN, 1987, P. 11). Ao apontar essa distinção, pode-se reforçar que o riso carnalizado não concebia...
Ap.17	...ela falta de clareza da vida real. Dessa maneira, Forster (2005, p. 56) aponta a ficção como mais verdadeira que a história, por exemplo...
Ap.18	...e a humildade como aspectos valorizados por Deus. Lá atrás, apontamos nas palavras do Sumo Pontífice um dos motivos que ele...
Ap.19	... informações e bens e serviços no discurso. Os autores ainda apontam que vocativos podem vir acompanhando as funções de fala, mas...
Ap.20	...da leitura, que passou a ser trabalhada com exclusividade. Walker (2003, p. 41), aponta que: Convém lembrar, também, que as universidades brasileiras têm quase...

APÊNDICE D - Amostras do processo verbal “Dizer”

D.1	...interpretar e comparar o material para torná-lo utilizável (LAKATOS; MARCONI, 2003). André (2008) nos diz , dessa forma, que o pesquisador se torna um instrumento da...
D.2	...importância da adaptação na cultura é ressaltada por Pellegrini quando diz que: A cultura contemporânea é sobretudo visual. Video games, videoclipes...
D.3	...uma leitura superficial para colher informações. Sobre Scanning, Souza (2015) nos diz que é um ligeiro olhar sobre o texto buscando-se dados...
D.4	... ocorrer a comunicação entre falantes de nações diferentes, e como diz Leffa (2001, p.10) “O inglês não tem fronteiras geográficas”, o que possibilita...
D.5	...enquanto sistema e enquanto código. De um modo geral, pode-se dizer que o campo teórico da LT se desenvolveu através de...
D.6	...que a tecnologia evolui o tempo todo, é mais usual dizer que o letramento digital é um processo, um estado ou...
D.7	...se fossem feitiços sendo feitos. A partir disso Brait (1985, p. 42) nos diz : “Se o texto é o produto final dessa espécie de...
D.8	...ser desenvolvidas para além da perspectiva patriarcalistas, o que implica dizer que essas novas personagens deixaram de desempenhar ações demarcadas e...
D.9	... para encarregar-se de sentir. Isso não é mesma coisa que dizer que os produtos são completamente destituídos de sentimentos, mas sim...
D.10	...um texto significa compreendê-lo como um todo” (MEYER, 1992, p. 98, apud ADAM, 2011, p. 255, grifos do autor). Somos capazes de dizer que esse “um todo” é um conjunto de enunciados

	interligados...
D.11	...e determina aquilo que elas irão representar na obra. Para Candido (2007), nos diz que personagem é um ser fictício e o romance se...
D.12	...de pesquisa passou a ser considerado uma “escola”: [...] é possível dizer que a ETM surgiu sob a forma de um conhecimento...
D.13	...cognitivas, expressas através de textos orais, escritos ou imagéticos. Conquanto, dizemos que o texto é a matriz da comunicação, e através...
D.14	... além de abordagens que sejam de fato eficazes. É necessário dizer , que há discrepâncias entre o que a semiótica social e...
D.15	...compreensão da escuta e ter mais desenvoltura na fala. Como dizem Wildgrube et al (2008, p. 4): Para estudantes adultos de língua estrangeira, [a leitura]...
D.16	...cômica apresentavam uma diferença notável, uma diferença de princípio, poderíamos dizer , em relação às formas do culto e às cerimônias oficiais...
D.17	...na tentativa de ter o suficiente de cada uma delas. Diz-se assim que a realidade contempla a ficção e/ou vice-versa. Trata-se...
D.18	...na tentativa de ter o suficiente de cada uma delas. Diz -se assim que a realidade contempla a ficção e/ou vice-versa. Trata-se...
D.19	... um texto significa compreendê-lo como um todo” (MEYER, 1992, p. 98, apud ADAM, 2011, p. 255, grifos do autor). Somos capazes de dizer que esse “um todo” é um conjunto de enunciados interligados...
D.20	... para a identificação do público alvo. Porém, Alberto Lucena Júnior (2005) diz que a arte se revela no âmbito da expressão e...